

ÓRGÃO CENTRAL
DO
PARTIDO COMUNISTA
PORTUGUÊS

Director
António Dias Lourenço

NÚMERO ESPECIAL

Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Ano 49 - Série VII - N.º 423
15 de Fevereiro de 1982

Preço: 15\$00

SEMÁNARIO

Propriedade do Partido Comunista Português

Dir./Red. - R. Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 - Telex 18390

Composição e Impressão - Heska Portuguesa

Distribuição - CDL, R. Pedro Nunes, - 1000 Lisboa

CONTRA A MENTIRA 'AD'

OS NÚMÉROS

DA GREVE GERAL



ADERIMOS
MAIS DE 1 500 000
à mais poderosa greve
jamais realizada em Portugal

Os números das adesões em mais de 1500 empresas e locais de trabalho em todo o País • Discurso de Álvaro Cunhal ontem em Alcochete • Reportagens e fotos sobre a paralisação • Nota da Comissão Política do PCP

GREVE GERAL

A greve geral do dia 12 teve repercussões em milhares de locais de trabalho em todas as regiões do país, englobando muitas centenas de milhares de trabalhadores. No intuito de dar a conhecer a verdade a este respeito, a Redacção do "Avante!" realizou um inquérito abrangendo cerca de 1500 empresas e outros locais de trabalho de várias regiões, de diversos sectores e dimensões.

Apesar de se tratar de uma amostra reduzida, meramente exemplificativa, o resultado desse inquérito é altamente significativo. E a realidade dos números, é indiscutível, nada tem a ver com o que tem vindo a ser propalado pela propaganda oficial.

DISTRITO DE LISBOA

	adesão
Carris (2726 trabalhadores)	90%
Rodoviária Nacional (3027)	95%
Portipras (S.ª Inês de Azoia) (75)	80%
Câm. Mun. de Sobral de Monte Agraço	68%
J. F. de Sacavém	100%
J. F. de Odivelas	70%
Câm. Mun. da Amadora	87%
Serv. Munic. de Cascais	90%
Câm. Mun. de Torres Vedras	83%
Câm. Mun. de Arruda	80%
J. F. de Arruda	100%
Câm. Mun. de Loures	80%
Serv. Munic. de Loures	80%
Serv. Munic. de Oeiras	65%
Câm. Mun. de Oeiras	30%
Câm. Mun. de Mafra	40%
Serv. Munic. de Mafra	79%
Câm. Mun. de Vila Franca de Xira	93%
Serv. Munic. de Vila Franca de Xira	75%
Teatro Nacional D. Maria II (88)	91%
Luso-Farmac	77%
SIF	33%
Euro Labor	30%
Laquila	27%
Ciba-Geigy	82%
Fernando Oliveira	80%
Simontal	71%
Zimaila	76%
Tecnifra	32%
Botelho e Rodrigues	42%
Profarin	82%
Franco-Farmacêutica	31%
Abbott	50%
Medicamenta	70%
Tofa (270)	90%
J. Sales Caldeira (200)	90%
Rajá (Chocolates) (51)	98%
LNEC (250)	55%
Campomil (35)	88%
Automax	90%
Impomol (120)	93%
Garatel Amadora (40)	65%
Garagem China (40)	100%
Gratal (12)	90%
Laboratório Farmacológico (50)	86%
Saminox (80)	95%
Eka (Olivais) (900)	75%
Handy	50%
Cel-Cat (Amadora) (1000)	80%
Tecidos Aveludados (30)	100%
Plasmatal (50)	95%
Fáb. de Malas Peixoto Soares (50)	96%
Câmara Municipal da Amadora	
Mercados	100%
Jardins Infantis	100%
Secção de Obras	97%
Lixo	100%
Ideográfica	100%
LOR (12)	50%
Fábrica de Balanças Medina (18)	33%
J. Urenal (50)	100%
Marmovel (90)	95%
Marmet (50)	100%
Portucel (400)	90%
M. B. Pereira Costa (15)	100%
Rufino & Filhos (20)	100%
Eucbra	93%
Melka (600)	88%
Climax (80)	93%
Rubia (60)	91%
Tabaqueira (550)	100%
Mundirama (30)	100%
Adangio Costa, Lda. (15)	100%
Messa (1150)	80%
Adreta (370)	90%
Icosal (370)	100%
Delta (60)	60%
A. Guerreiro (32)	72%
IN (105)	95%
Agrope (39)	77%
Fábrica Estores (20)	100%
Parker (15)	100%
Sidul (430)	85%
Construções Mecânicas (40)	93%
J. B. Cardoso (466)	83%
Lisnave/Rocha (830)	98%
EPI (450)	99%
Oficinas da Carris (1000)	100%
CIP (Portugal e Colónias) (1200)	95%
FAPAE (336)	92%
Baptista Russo (600)	95%
Standard (Cascais) (2700)	59%
Ulcinizadora de Cascais	100%
Oficinas de Serviços Municipalizados de Cascais (300)	99%
Robialac (Sacavém)	100%
Motra (320)	60%
Mármoreos do Sabugo (20)	95%
Seícia (100)	100%
António Robalo (70)	100%
Duraplas (60)	50%
Printer (170)	88%
Compontel (350)	94%
Somnape (66)	85%
Mudicheros (15)	100%
Vida Longa (5)	100%
Marnete (50)	100%
Manomal (50)	100%
António Matias Rocha (27)	100%
Mármoreos Condado (360)	100%
J. M. Ruas (20)	100%
Lucidal (11)	100%
Fab. Portugal (600)	98%
Simões (têxteis) (600)	94%
Moutinho das Peles (105)	67%
Max Têxteis	Fechada
Choice (têxtil)	Fechada
Correia Corvo (têxtil) (110)	Fechada
Metalúrgica de Benfica (110)	91%
Metalúrgica Progresso (40)	100%
Friventil (35)	100%
Fábrica de Loica de Sacavém (600)	86%
Lever (200)	86%
Trefilana (650)	99%
J. Targa (35)	97%
Dyrup (laboratório) (restante)	100%
Acta (200)	100%
União (60)	100%
Seidex (300)	95%
Sociedade Padarias	90%
BIS (Amadora) (300)	100%
Serv. Méd.-Socialis - Posto 145 - Amadora (47)	63%
Covina (600)	100%
Vicar (150)	99%
Competidora do Cacém (Vidros) (130)	100%
Cimiano (V. F. de Xira) (300)	100%
Argibay (Alverca) (550)	98%
Mague (1900)	90%
Tudor (680)	66%
Mevil (200)	94%
Nova Era (106)	77%
Serviços Munic. (V. F. Xira) (200)	60/70%
Univetx (200)	53%
Ford (Azambuja) (400)	50%
Impermol (Alenquer) (120)	94%
Semagor (Alenquer) (175)	89%
Sociedade Industrial de V. F. Xira (118)	65%
Vassalo (V. F. Xira) (90)	50%
Stecon (V. F. Xira) (7)	100%
Preford (V. F. Xira) (30)	100%
Petiliá (V. F. Xira) (65)	52%
Moagens (Alhandra) (110)	95%
Cima (200)	87,5%
Construções Técnicas (200)	90%
Quimigal (Alverca) (300)	90%
Viagens Europeia (70)	30%
Fundição de Oeiras (1200)	90%
Lusofarmac (436)	87%
Fernando Oliveira (108)	83%
Novil (30)	90%
Metalúrgica do Cacém (70)	100%
DMC (74)	84%
Antrox (17)	29%
Vitália (30)	60%
Autovinhedo (24)	91%
Portucel (200)	90%
Portalex (400)	65%
Cambourmac (480)	90%
CIM (150)	75%
Pneuvia (29)	86%
Vanleer (90)	90%
Moinhos (60)	100%
Eurofil (1200)	97%
Sincoral (200)	80%
Somer	93%
Icesa (200)	93%
Cavan	Fechada
Celidex (400)	95%
Autosil (400)	85%
Progresso Mecânico (200)	80%
Silva & Trinca	80%
Ignis (70)	100%
Almeida & Silva (50)	100%
Tecnicar	100%
Mocar	95%
Serviços Munic. de Oeiras (400)	100%
Figueirinha & Vaz (120)	70%
Valentim de Carvalho (200)	100%
Chambon	90%
Carlos Caldeira (200)	100%
Metalúrgica Luso Italiana (450)	80%
Sorel (200)	75%
Fosfros (79)	94%
Indet (ex-Braço de Prata) (1700)	77%
Luso-Belga (60)	42%
Centro Hospitalar (60)	86%
Synres (70)	70%
Escola Secundária Gil Vicente	Fechada
Externato Padre Américo	Fechada
Externato Escolinha (11)	63%
Escola Primária Combatentes	100%
Cooperativa Ensino Benfica	100%
Escola Fernão Mendes Pinto	Fechada
Escola A Seara	Fechada
Escola APROL	100%
Associação das Mercês	100%
Escola da Voz do Operário (65)	92%
Escola Preparatória Marquesa de Alorna	45%
Externato Menina e Moça	50%
Tipografia da C. M. de Lisboa	86%
Matadouro de Aves	100%
Serviços de Limpeza	
S. Sebastião (41)	100%
S. Bernardo (21)	33%
Bairro Seralina (14)	42%
Trav. da Saúde	100%
Barão de Sabrosa	100%
Autocoop (120 táxis)	75%
Novembal (340)	95%
EPNC (1700)	95%
"Diário Popular" (436)	100%
"Diário de Lisboa" (170)	100%
Tipografia Nabão (12)	100%
Imprensa Nac. - Casa da Moeda (1300)	75%
P. Fernandes (1400)	75%
Regina	100%
Aliança	80%
Favorita	100%
Sores	85%
Sidul	90%
Centralcer - Vialonga - Dia	60%
Noite	75%
Belas - Dia	83%
Noite	100%
Unicer - Cabo Ruivo	84%
Camporel	60%
Águas Bela Vista	88%
Sumol (200)	97%
Primobela (70)	50%
Interlastex (100)	55%
Laboratórios Russel (120)	94%
Sorefame (3350)	88%
Pereira & Brito (550)	40%
Cassel (70)	70%
Unial (100)	70%
Supersumos (200)	70%
Sombra (móveis) (100)	70%
Guérin (120)	95%
Rank Xerox (80)	50%
Laboratórios Abott (80)	50%
Eurocarnes (70)	70%
Escola Secundária de Queluz (112 profs.)	68%
Escola Gama Barros (142 profs.)	91%
Escola Ferreira Dias (140 profs.)	97%
Escola do Cacém (110 profs.)	95%
Escola de Lourel (78 profs.)	92%
Escola Visconde de Jromenha (109 profs.)	89%
Escola D. Fernando (36 profs.)	92%
Escola Secundária da Portela (200 profs.)	95%
Escola Secundária Linda-a-Velha	Fechada
Hospital do Desterro (108)	40%
Egas Moniz (193)	30%
S. José (201)	70%
Centro Policlínico Almada (58)	31%
Posto SMS (Caparica) (15)	100%
Sida Sueca	60%
Olivet	100%
Infra	86%
Joframa	92%
Pio Barral	75%
Laurenço & Santos	100%
Lanalgo	81%
Monteiro	95%
Polux	35%
Adão	80%
Expresso	100%
Papelaria António Vieira	80%
Lopes & Lopes	100%
Rodrigues & Rodrigues	100%
CDL	100%
Francisco José Simões	50%
Braz & Braz	90%
EPAC (sede)	50%
(sil) (100)	70%
(sul) (100)	100%
Pastelaria Anabela	100%
Cattering Costa Campos (100)	75%
Pastelaria Riviera (20)	100%
Mercado do Povo (30)	100%
Café Lim Verde (Parede)	100%
Bar Estação de Cascais (5)	100%
Restaurante Central da Baixa (30)	90%
Pastelaria Mexicana (80)	50%
Restaurante Nankim (20)	100%
Restaurante Primavera (25)	90%
Wagon Lits (50)	100%
Pousada Castelo do Bode (30)	100%
Hotel Ritiz (400)	80%
Snack Monumental (90)	100%
Restaurante Canteiro (15)	100%
Cervejaria Ribadouro (30)	100%
Casa do Alentejo (8)	100%
Hoecht (15)	90%
Hotel Sheraton (400)	45%
Restaurante Bonjardim (80)	50%
Restaurante Guadiana	100%
Café Império (25)	35%
Comuna Cooperativa	100%
Residência Roma (15)	100%
Castanharia (fáb.) (25)	100%
Hotel Atlântico (180)	40%
Restaurante Tamariz (50)	65%
Hotel Baía (120)	100%
Oficina Alcolitão (80)	48%
Hotel Estoril Sol (500)	70%

Editorial

UMA GRANDE VITÓRIA DA UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA

O Povo português, por iniciativa do seu sector mais operoso e vasto — as classes trabalhadoras da cidade e do campo, todos os que labutam nas fábricas e herdades e no mar; no comércio, transportes e outros serviços; nos escritórios e gabinetes — deu na última semana uma extraordinária prova de determinação, unidade e maturidade política ao responder em massa e de maneira iniludível ao apelo de greve geral da CGTP-Intersindical.

A magnífica jornada nacional de luta do dia 12 a classe operária portuguesa imprimiu o selo inconfundível da sua dinâmica de classe e da sua firmeza.

Neste número especial do «Avante!» damos o quadro impressionante dos resultados da greve em mais de duas mil empresas e sectores profissionais do Continente e das Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores. Mais de um milhão e quinhentos mil trabalhadores nela participaram.

Não é ainda um quadro definitivo — é por enquanto naturalmente impossível determiná-lo aqui em toda a sua globalidade e expressão quantificada.

Mas é já por si conclusivo e sobre ele se deve desde já tecer considerações pertinentes e extrair as principais lições.

Como se diz na nota da Comissão Política do CC, emitida na própria noite do dia 12 e que noutra lugar reproduzimos, a greve geral de sexta-feira inscreve-se «como uma das mais poderosas acções do movimento operário português em toda a sua história». Ninguém com um mínimo de senso político e de isenção intelectual o poderia contestar.

Ninguém... a não ser os rinocerontes e dinossauros da «AD» (que investem a direito e têm inteligência curta) a que surpreendentemente se associaram Mário Soares e alguns dos seus amigos mais chegados — uma «sagrada família» possessa de anticomunismo delirante — ninguém, dizíamos, pode deixar de ver a transcendente importância política da greve geral do dia 12.

É de facto no contexto da crise actual, extremamente aguda, e no da luta intransigente contra o Governo «AD»/Balsemão/Freitas e a sua política antipovo, que deve situar-se e avaliar-se a greve geral de sexta-feira que culminou a maior movimentação de massas jamais verificada em Portugal.

Contra a greve geral, na fase preparatória, no seu decurso e depois dela, assistiu-se à mais destemperada ofensiva de intoxicação, intimidação e provocação de todos os que estão interessados em fazer o jogo dos monopólios e do imperialismo; levantou-se o coro dos inimigos abertos ou encapotados do 25 de Abril; mobilizaram-se os meios mais torpes e antidemocráticos contra um direito inalienável que a Constituição confere aos trabalhadores — o direito à greve.

Tudo foi tentado para impedir ou para a estrangular e a reduzir a uma inexpressiva acção dos «agentes de Moscovo».

Mas enfrentando todos os obstáculos «A greve geral» — como ontem disse Álvaro Cunhal em Alcochete — fez-se e foi um extraordinário sucesso de mobilização e de luta dos trabalhadores, a mais vasta acção de toda a história do movimento operário português.

«Derrota política do Governo «AD», vitória política dos trabalhadores e da sua grande central sindical, tal o real resultado da greve geral do dia 12 de Fevereiro».

A unidade da classe operária desde os grandes centros industriais de Lisboa, Setúbal e Porto, às manchas do Norte, Centro e Sul, à Reforma Agrária no Alentejo e Ribatejo, até aos núcleos mais significativos dos trabalhadores das Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores, afirmou-se contra todas as manobras de divisão.

Os peões de traição da UGT ao serviço do grande capital e dos objectivos antioperários da «AD», Mário Soares e o núcleo dos seus amigos que funcionaram em diapasão com o trabalho antigreve do Governo «AD» não tiveram força para castrar a determinação dos trabalhadores em defesa dos seus interesses vitais.

Durante dias, praticando ilegalidades, usando a repressão, acirrando as perseguições patronais contra os delegados sindicais e os trabalhadores mais activos, manipulando da maneira mais escandalosa os órgãos de comunicação social de massas — como a RDP e a RTP — o Governo «AD»/Balsemão/Freitas mostrou a sua verdadeira cara de classe e o seu extremo reacçãoarismo.

Nota da Comissão Política

1) As informações disponíveis às 18 horas permitem desde já concluir que a greve geral convocada pela CGTP-IN constituiu um êxito assinalável, inscrevendo-se como uma das mais poderosas acções do movimento operário português em toda a sua história. A Comissão Política do CC do PCP saudou os trabalhadores por esta sua gloriosa e magnífica jornada de luta.

2) Contra a greve geral o Governo «AD» e seus aliados, com destaque para Mário Soares e a UGT, desencadearam uma monstruosa campanha de falsificações, calúnias e intimidação. Não conseguiram, entretanto, impedir uma clamorosa derrota política infligida pelos resultados desta grandiosa jornada de luta.

3) A greve geral representa um sério golpe na «AD», no seu governo e na sua política. Constitui uma afirmação da firmeza e determinação dos trabalhadores e do povo português de defenderem os seus interesses vitais, as liberdades, as conquistas de Abril, o regime democrático consagrado na Constituição. Exprime a inabalável vontade de, para tal, lutarem até à demissão do Governo «AD» e até que seja alcançada uma saída democrática para a gravíssima crise económica, social e política em que a «AD» lançou o país.

4) Sendo ainda cedo para proceder a um apuramento completo e a uma estimativa global das paralisações, alguns factos e conclusões são desde já certos e irreversíveis:

- 1.º Nos principais centros e sectores industriais os trabalhadores participaram em massa na greve geral, atingindo a adesão em numerosos casos, percentagens superiores a 90%. O mesmo aconteceu em diversos sectores agrícolas (como é o caso da Reforma Agrária) e em portos comerciais e centros piscatórios.
- 2.º Em numerosas empresas de todas as regiões do país verificaram-se paralisações totais (100%) — do que resultou o seu encerramento. Numerosas outras empresas, com percentagens de adesão inferiores, foram obrigadas igualmente a encerrar dado que o número de trabalhadores que furou a greve não foi suficiente para assegurar o seu funcionamento.
- 3.º As paralisações de empregados, trabalhadores da função pública, professores e outros sectores intelectuais e quadros técnicos tiveram também um impor-

tante significado, atingindo em muitos casos percentagens bastante elevadas que provocaram o encerramento de estabelecimentos, escolas e repartições.

4.º Em algumas regiões outros importantes estratos sociais (designadamente pequenos e médios agricultores, pequenos e médios comerciantes) paralisaram as suas actividades associando-se à grandiosa luta dos trabalhadores, do que resultou a paragem total das actividades económicas em algumas cidades e vilas.

5.º A greve geral foi preparada e realizada pelos trabalhadores no inteiro respeito pela Constituição e pela legalidade democrática, com elevada consciência de classe, consciência cívica e disciplina.

6) O êxito da greve geral é uma grande vitória da unidade dos trabalhadores e do seu movimento sindical unitário organizado em torno da CGTP-IN.

A determinação dos trabalhadores derrotou as campanhas de intoxicação e mentiras lançadas pelas forças reacçãoárias para desacreditar e combater a grandiosa jornada de luta de hoje. O Governo, através de meios de comunicação social estalizados prosseguiu e acentuou esta campanha no próprio dia da greve procurando diminuir-la, falsificando e escamoteando dados essenciais.

A grandeza e expressão de massas que a greve geral assumiu e a sua evidente repercussão em toda a vida económica e social do país, deixam no entanto por terra essas novas campanhas de mentiras que o governo está a desencadear para esconder a sua clamorosa derrota.

A greve geral exprimiu claramente a vastíssima indignação e protesto populares contra a política do Governo «AD». Traduziu a enorme força e capacidade de luta do movimento operário e popular. Abriu caminho, prosseguindo a luta, para novas vitórias que garantam a defesa dos interesses dos trabalhadores e do povo, a resolução dos problemas nacionais, a salvaguarda do regime democrático. Colocou, com força redobrada, no centro da vida nacional a reclamação democrática e patriótica da demissão do Governo «AD», e por uma solução democrática da profunda crise económica, social e política que o país atravessa.

12 de Fevereiro de 1982.
A COMISSÃO POLÍTICA DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Avante!
Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soares Pereira Gomes - 1699 - Lisboa CODEX, Tel. 769725/769722.

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX. Tel. 769725/769722.

DISTRIBUIÇÃO: CDL, Centro Distribuidora Livreira, SARL, Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 57 - 2.º - 1000 Lisboa. Tel. 779828/779825/769751.

Casa da Venda em Lisboa: Rua do Sequoia, 80 - 1200 Lisboa. Tel. 372238.

Delegação do Norte: Centro Distribuidor do Norte: R. Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto. Tel. 693908.

Centro Distribuidor de Coimbra: Rua 1.º de Maio, 186, Pedreira - 3000 Coimbra Tel. 31286.

Delegação do Sul: Centro Distribuidor de Évora: Alcarova de Baixo, 13 - 7000 Évora. Tel. 26351.

Centro Distribuidor de Faro: Rua 1.º de Dezembro, 23 - 8000 Faro. Tel. 24417.

ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-2.º Esq.º - 1000 Lisboa. Tel. 779828.

PUBLICIDADE CENTRAL: Av. Santos Dumont, 63-A - 1000 Lisboa Tel. 776936/776750. Porto - Rua do Almeida, 18-2.º Esq.º - 4000 Porto. Tel. 381067.

EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 - Venda Nova - 2700 Amadora. Tel. 900044.

Composto e impresso na Heskia Portuguesa - R. Elias Garcia, 27 - Venda Nova - 2700 Amadora.

Tiragem média do mês de Janeiro 54038

GREVE GERAL

«Grande êxito na luta dos trabalhadores portugueses»

— sublinha o secretariado da Central

Numa conferência de imprensa em cima da greve o secretariado nacional da CGTP-IN...

É pouco? É muito? As palavras realmente não são muitas, mas foram medidas.

Portugal não se reduz ao Rossio em Lisboa ou à Praça Humberto Delgado no Porto.

O coração económico do País onde se produz a riqueza nacional são as fábricas, o mar e os campos.

É aí que deverá encontrar-se o impacto da Greve Geral. O funcionamento dos serviços essenciais não foi nenhuma vitória do Governo.

Pelo contrário. Foi antes uma decisão dos trabalhadores das respectivas empresas, os quais estiveram com a Greve Geral na sua quase totalidade.

refere o comunicado distribuído na conferência de imprensa anteontem de manhã.

O primeiro balanço, embora fornecido apenas como amostragem, é extenso e pormenorizado e vai neste número, mas à parte.

Em vez de percentagens, que são também uma nota viva, que são por assim dizer um primeiro espelho da greve, falemos antes um pouco das dezenas de dirigentes da Central, do intenso trabalho que produziram e estimularam durante este mês.

Falemos das dezenas de colaboradores, do colectivo da CGTP-IN, na sua própria sede na Victor Cordon em Lisboa, nas sedes das União distritais, concelhias e locais, nos sindicatos, nas Federações.

O que se viveu (e referimos a sede da CGTP-IN como um caso entre os demais)

sindicais nas inúmeras tarefas relacionadas com a greve e a difusão dos seus resultados. Desde as 9 da noite de 11 do corrente, principalmente desde essa hora e desde esse dia, o cansaço adiu-se. Assim acontece sempre que a luta mobiliza grandes massas sem propósitos obscuros, com a clareza habitual.

Os números disponíveis permitem afirmar que participaram na greve geral mais de

alías a tempo pela própria CGTP-IN, para elas pediu autorização ao governador civil de Lisboa que, como fez o Governo, não pode declarar ilegais.

Desde já e muito indignamente a CGTP-IN repudia, como foi reafirmado na conferência de imprensa de sábado, a ligação que o Governo pretende fazer entre tais indivíduos (os que alegadamente seriam detentores de «planos subversivos») e a greve geral.

Como a «AD» mede a greve geral

O governo nunca escondeu a imagem que faz da greve geral para consumo público. Não só não a esconde como a tem deturpado. Mesmo destinando-a, como é o caso, aos que ainda acreditam nas excelências da governação da «AD» — talvez, entre esses, a maioria não acredite nem devesse acreditar; limita-se a suportá-la — o Governo AD/Balsemão II continua a ofender o bom senso de quem o ouve.

um milhão e meio de trabalhadores.

Voltamos à conferência de imprensa no sábado de manhã. Saía repleta como nos grandes dias. A actuação do Governo — afirma-se — e dos órgãos de comunicação dominante como a TV e a Rádio constituíram também uma prova, talvez uma das melhores do êxito concreto da jornada de 12 do corrente.

A CGTP-IN espera que a detenção de um grupo de indivíduos, alegadamente detentores de planos subversivos, não faça parte de nova manobra de encenação (as anteriores são conhecidas) visando dar cobertura à tese insurreccional do Governo sobre a greve e que o comportamento legal e constitucional dos trabalhadores 'cabalmente' desmentiu.

Houve vários feridos. Pelo menos um trabalhador foi preso no Rossio, em Lisboa. A CGTP-IN (um dos seus dirigentes estava no local) não tem dúvidas de que nada mais houve que provocasse a intervenção policial, como em outros locais, que não fosse o exercício do direito à greve, o direito à formação de piquetes, actuando publicamente, e às concentrações (previstas

Exige que as averiguações policiais se façam muito rapidamente e que, caso se provem os objectivos subversivos, os implicados sejam exemplarmente punidos.

O Governo recorreu a tudo o que estava ao seu alcance para esconder o êxito da greve. Tentou mascarar a de insurreccional. Proibiu da forma mais antidemocrática o acesso da CGTP-IN à Rádio e à Televisão. Não ouviu dirigentes, recusou intervenções, não divulgou uma linha. Cancelou até uma entrevista proposta para sábado a um dirigente da CGTP-IN no programa radiofónico «Praça Pública».

O governo abusou da arbitrariedade. Mas não se limitou a usar os seus homens de mão. Os dirigentes da UGT deram novamente provas do que valem ajudando os inimigos dos trabalhadores, que dizem representar em alguns sindicatos.

Mas a greve geral, como reafirmava a CGTP-IN sábado de manhã, constituiu um factor essencial para apressar a demissão do Governo AD e para a criação de uma alternativa à sua política. O Governo pode tentar enganar a opinião pública, mas não se engana a si próprio; o povo repudia e condena a política deste Governo, exigindo a sua demissão.

Table with 2 columns: Name and Percentage. Includes S. S. U. Cantina 2 (60) at 90%, Cantina Ciências (45) at 100%, Residência Egas Moniz (45) at 60%, etc.

Table with 2 columns: Name and Percentage. Includes I. P. Oncologia - Cardiologia (7) at 100%, Heskia Portuguesa (140) at 100%, Gazina at 100%, Cabos Avila at 100%, Resilquímica at 83%, etc.

Table with 2 columns: Name and Percentage. Includes FILMA at 90%, INDEP Est. Militar Fabril at 99%, UCAL - Distribuição at 100%, Amigos do Livro at 100%, etc.

Table with 2 columns: Name and Percentage. Includes António Veiga at 100%, Hospital Mafra at 64%, Hospital Carcavelos at 80%, Tubos Vouga at 85%, Cimertex at 73%, etc.

Table with 2 columns: Name and Percentage. Includes Inf. e Coop. Campo Ourique at 100%, Escola Sec. Mafra at 87%, Escola Prep. Mafra at 100%, etc.

DISTRITO DE SETÚBAL

Almada

Table with 2 columns: Name and Percentage. Includes Lisnave (8 700) at 100%, Arsenal (3 200) at 96%, Parry Son (500) at 93,4%, etc.

Seixal

Table with 2 columns: Name and Percentage. Includes Siderurgia Nacional (5 056) at 100%, Construtura Moderna (840) at 100%, Mundet (700) at 100%, etc.

Table with 2 columns: Name and Percentage. Includes Cooperativa Talfer (22) at 100%, Ramalho e Rosa (44) at 100%, Fojart (10) at 100%, etc.

Sesimbra

Table with 2 columns: Name and Percentage. Includes Pedreira J. Tomás da Costa (50) at 100%, Pedreira Teodoro J. Alho (55) at 100%, Pedreira Francisco Sanches (55) at 100%, etc.

Moita

Table with 2 columns: Name and Percentage. Includes Gafa (Confecções 350) at 99%, Convex (Confecções 250) at 100%, Charpe (Confecções 80) at 75%, etc.

Barreiro

Table with 2 columns: Name and Percentage. Includes Quimigal (6000) at 100%, Fispie (500) at 100%, Tingo (300) at 100%, etc.

Alcochete

Table with 2 columns: Name and Percentage. Includes Firestone (550) at 100%, Ormiz (72) at 100%, Alumínio (50) at 100%, etc.

Palmela

Table with 2 columns: Name and Percentage. Includes Comelna (400) at 30%, Acumplit (Tintas) (40) at 100%, Metecna (40) at 100%, etc.

Montijo

Table with 2 columns: Name and Percentage. Includes Isidoro Moagens (98) at 100%, Isidoro Carnes (400) at 95%, Gameiro (185) at 60%, etc.

Percentagens de adesões por distritos e regiões autónomas

Table with 2 columns: District/Region and Percentage. Includes Aveiro at 75%, Beja at 95%, Braga at 75%, Bragança at 30%, etc.

meiro-Ministro). Entretanto, os dados animam. Há mais números. As percentagens crescem, no 2.º turno. Para o exterior, nos telexes vão saindo as informações. Ouve-se a rádio. Nada. Os furas não estão lá para informar. Estão para furar.

24 horas depois: síntese da conferência de imprensa. — Porque «um dado novo na situação política portuguesa»?

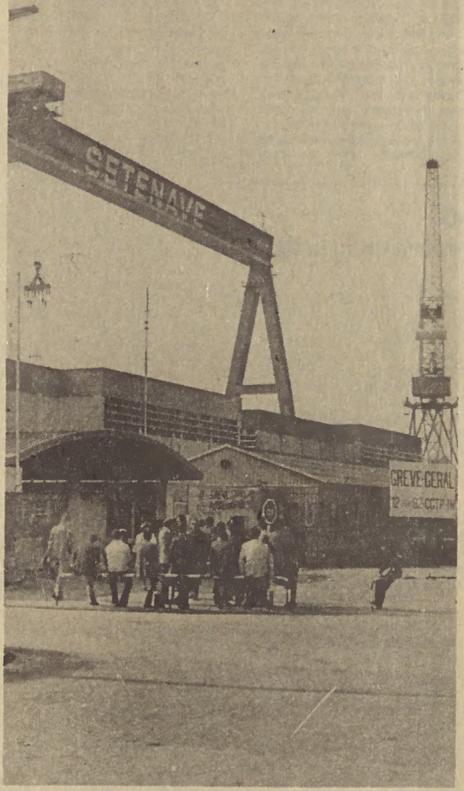
— Porque forçou um debate político sem precedentes desde as eleições presidenciais de 1980;

— Porque rompeu a cortina do silêncio que a AD antidemocraticamente quer impor acerca dos verdadeiros problemas nacionais;

— Porque tornou claro para as massas trabalhadoras e para a maioria da população que uma verdadeira política democrática só pode ter lugar com o afastamento da AD do Governo.

na Victor Cordon em Lisboa foi durante as 24 horas da greve um reflexo exemplar de como funcionou em todo o País a organização sindical unitária, a força que afinal dá expressão concreta ao movimento sindical.

O que constantemente cala nos telexes, o que se podia correr no bar, o PBX sempre ocupado incluindo as provocações, as ameaças, as intimidações — logo às 10 e meia da manhã era uma bomba no telhado que ia deflagrar dali a pouco: uma voz ao telefone tentando intimidar, a segurança das instalações, a prevenção, os problemas que surgiram, o tratamento dos dados, a coordenação da greve, a recolha de informações, o apoio jurídico, os abastecimentos, os transportes mobilizaram, é o termo, a tempo inteiro e sem sono, um número incontável de filiados, dirigentes e delegados.



Percentagens de adesões por sectores de actividade

Table with 2 columns: Sector and Percentage. Includes Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Calçado e Malas at 70%, Construção Civil, Mármore e Madeiras at 85%, Transportes Rodoviários e Urbanos at 85%, etc.

Table listing various organizations and their participation percentages in the strike, including Soc. Nacional Tijolos (50) at 100%, Comorel (14) at 100%, Cerâmica Esteval (14) at 40%, etc.

Santiago do Cacém

Table listing organizations in Santiago do Cacém and their participation percentages, such as ECA (250) at 50%, Orsul (40) at 100%, Portugal e Colónias (40) at 88%, etc.

Sines

Table listing organizations in Sines and their participation percentages, including Equimetal (260) at 21%, Construterra (35) at 34%, Júdice Fialho (45) at 100%, etc.

Grândola

Table listing organizations in Grândola and their participation percentages, such as Trab. da Câmara (165) at 97%, RN (29) at 100%, RA (150) at 100%, etc.

Álcacer do Sal

Table listing organizations in Álcacer do Sal and their participation percentages, including Mário Jorge (45) at 88%, Hospital (48) at 20%, Centro de Saúde (25) at 80%, etc.

Setúbal

Table listing organizations in Setúbal and their participation percentages, such as Setenave (6300) at 100%, Clerigos (150) at 91%, Câmara (Paços do Concelho) (300) at 66%, etc.

DISTRITO DO PORTO

Table listing organizations in the District of Porto and their participation percentages, including CIFA (579) at 70%, Têxtil das Guardieiras (253) at 100%, Belcor at 100%, etc.

Table listing organizations in the District of Porto (continued) and their participation percentages, such as Texmalha (153) at 100%, Sid. Nacional at 98%, Taurus (140) at 90%, etc.

Table listing organizations in the District of Porto (continued) and their participation percentages, including Vila Real (117) at 86%, Saccas (240) at 100%, Vilar (286) at 88%, etc.

Table listing organizations in the District of Porto (continued) and their participation percentages, such as Vila Confecções at 100%, Confecções F.S. at 100%, Ezequiel at 100%, etc.

Table listing organizations in the District of Porto (continued) and their participation percentages, including Vila Confecções at 100%, Confecções F.S. at 100%, Ezequiel at 100%, etc.

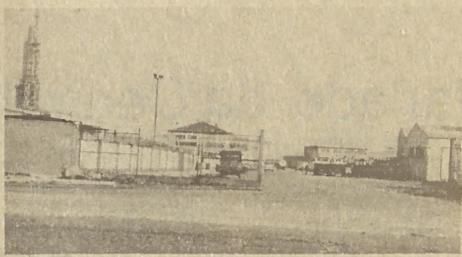
Table listing organizations in the District of Porto (continued) and their participation percentages, such as Vila Confecções at 100%, Confecções F.S. at 100%, Ezequiel at 100%, etc.

Table listing organizations in the District of Porto (continued) and their participation percentages, including Vila Confecções at 100%, Confecções F.S. at 100%, Ezequiel at 100%, etc.

Table listing organizations in the District of Porto (continued) and their participation percentages, such as Vila Confecções at 100%, Confecções F.S. at 100%, Ezequiel at 100%, etc.

Table listing organizations in the District of Porto (continued) and their participation percentages, including Vila Confecções at 100%, Confecções F.S. at 100%, Ezequiel at 100%, etc.

Factos e documentos de uma jornada histórica



Na zona de Cabo Ruivo: a serenidade dos trabalhadores e a forte adesão à greve geral decretada pelo movimento sindical unitário.

Na "baixa" lisboeta: a indignação popular

O mesmo cidadão - duas sensações

Vamos imaginar que uma pessoa residente em Lisboa decidiu na sexta-feira passada, dia de greve geral, dar uma volta pela zona de Cabo Ruivo. Existem ali dezenas de empresas, com milhares de trabalhadores, operários na sua maioria.

O envernizado

A entrada dos «móveis Oleo», em Sacavém, lá estava piquete de greve devidamente identificado, grupo numeroso de trabalhadores cavacando junto à «estrada velha» de Vila Franca de Xira, onde desembocam os portões da empresa.

«Eu trabalho, sou livre» (só) no dia 12

Vivo num bairro de Lisboa onde as pessoas se conhecem todas. Não se faz por mal, mas a verdade é que toda a gente sabe alguma coisa sobre a vida do vizinho. O que faz, onde costuma ir, quais os seus gostos. Repito:

Maior oferta do que a procura

Os dirigentes da «AD» desdobram-se em múltiplas e variadas tomadas de posição sobre a greve de 24 horas decretada pelo movimento sindical unitário. A regra das afirmações produzidas pelos homens da reacção atingiu (principalmente na 6.ª feira) muitas vezes o ridículo mais demagógico que o ser humano possa imaginar na sua cabeça.

Uma pergunta...

Estação da Carris, em Cabo Ruivo. O piquete de greve abre passagem a mais um dos poucos motoristas que não quiseram aderir à jornada de luta.

«É a primeira vez que aqui se faz greve»

O jornalista já percorreu várias empresas da Grande Lisboa e arredores. Numa derradeira etapa da reportagem, está em Moscavide. A saída da localidade (em direcção a Sacavém) encontra a Fábrica Nacional de Munições - Indústria Nacional de Defesa, EP.



Na Fábrica de Munições, em Moscavide: firmeza e combatividade

Bofetadas em defesa da «AD» e do Governo

Nos passeios do Largo do Rossio, após a carga policial, falava-se e comentava-se muita coisa que tinha ocorrido antes. Desde a violência sobre cidadãos estrangeiros e jornalistas, passando por outras dezenas de pessoas que ali se encontravam.



Na área do Rossio a polícia carregou com injustificável violência. Cidadãos estrangeiros, jornalistas, trabalhadores, homens e mulheres foram alvo das bastonadas

trabalhadores da Carris são trabalhadores com privilégios... É verdade?». Não houve qualquer resposta. Mas aquele motorista da Carris deve ter pensado no assunto.

A não ser que nos ajudem

Praça dos Restauradores, cinco da tarde, bicha de «transportes de alternativa». Um agente da PSP procurava por algum nexo na barafunda de autocarros, agravada pela desconcertante variedade dos mesmos em cor, tamanho e forma.

E logo, num acesso de heróico bom humor, elevando a voz: «a não ser que aqueles ali das carrinhas azuis nos ajudem!».

«Oh! amigo, ainda há bem pouco tempo um membro do Governo foi à TV dizer que os

«É a primeira vez que aqui se faz greve. E já agora destaca-se o facto do sector mais importante da fábrica estar quase paralisado por completo. Numa secção, a dos pintores, a adesão foi de 100 por cento. Ainda a propósito da coacção psicológica que se abateu sobre várias pessoas, refira-se que muitas das trabalhadoras que estão lá dentro teriam certamente aderido à greve se não fosse o recelo. Algumas até entraram para dentro da fábrica a chorar...»

Entretanto, a meio da tarde, na outra unidade da Fábrica de Munições - Indústria Nacional de Defesa, EP, (em Braço de Prata) a adesão à greve geral de 24 horas elevava-se a 75 por cento.

«Na fábrica a adesão é superior a 40 por cento. Trata-se, quanto a nós, de uma percentagem muito significativa e pode-se mesmo dizer que as perspectivas mais optimistas foram ultrapassadas. O espírito da lei antiga ainda paira sobre muitos trabalhadores civis

«O cidadão, o mesmo que foi a Cabo Ruivo, dá um salto da cadeira. E interroga-se: «Onde é que estive hoje? Não estou bom da cabeça... Será que sonhei com as paralisações nas empresas... Que se passa comigo... Tenho que ir ao médico. Talvez ao psicólogo, talvez ao neurologista...»

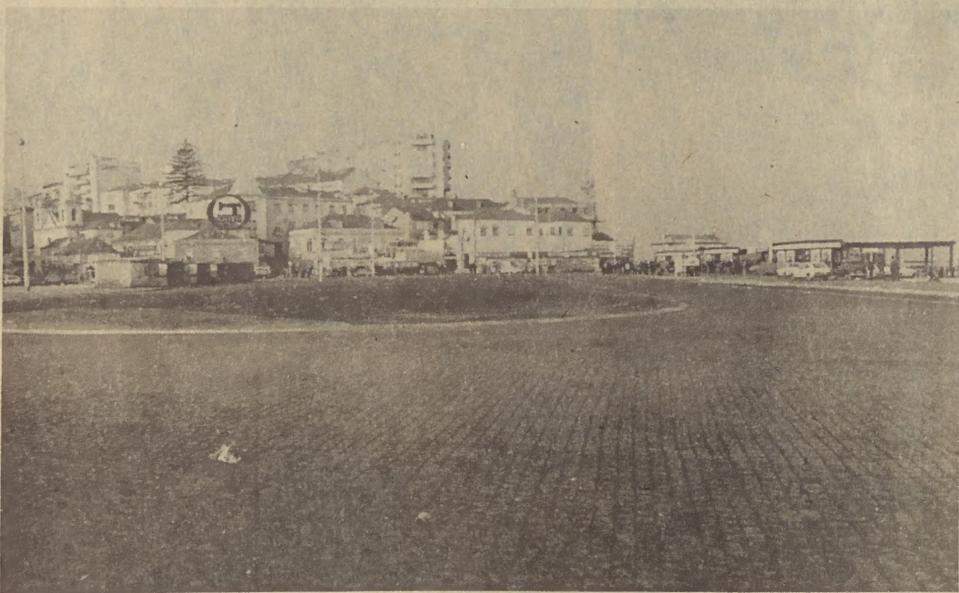
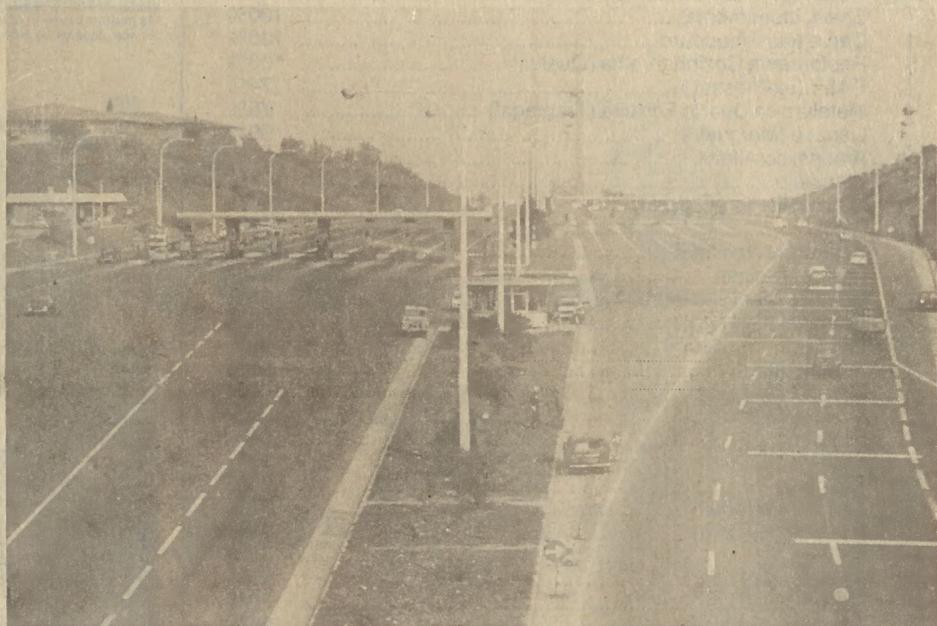
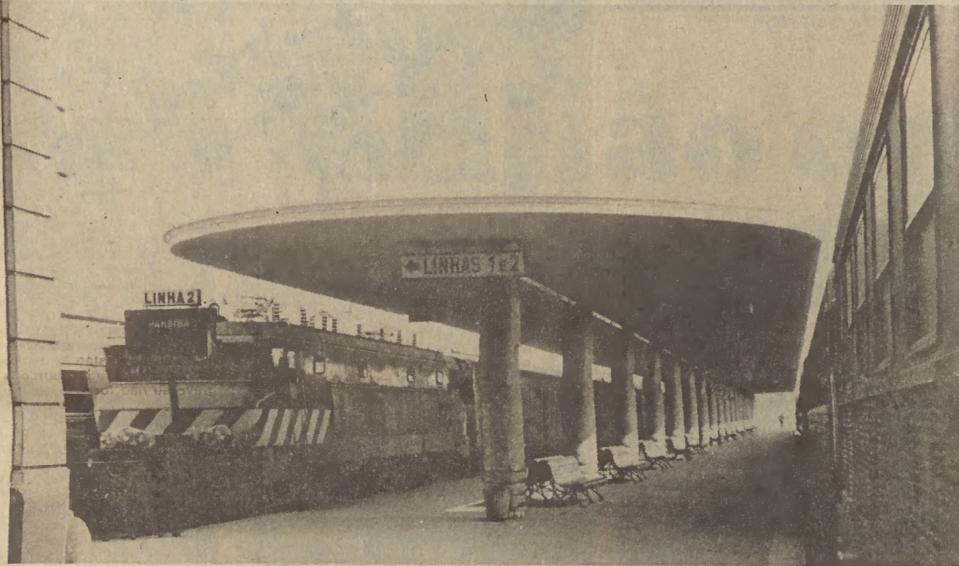
«O que é que eles terão feito no dia 12?»

«Os «amarelos» da Carris Alguns dos que furaram a greve na Carris, engodados pelas cláusulas salariais acordadas - na véspera, por ordem directa e telefónica do Governo deixou de haver tecto salarial - fizeram carreiras de autocarros e eléctricos cujo trajecto passava frente à estação de Santo Amaro, a Alcântara.

GREVE GERAL



A greve geral atingiu a sua máxima expressão, naturalmente, onde o peso da classe operária se faz mais sentir, isto é, nas grandes empresas industriais (em cima, à esquerda, a Siderurgia). Mas, apesar do boicote dos divisionistas da UGT, foi igualmente muitíssimo significativa no sector dos transportes (fotos de baixo)



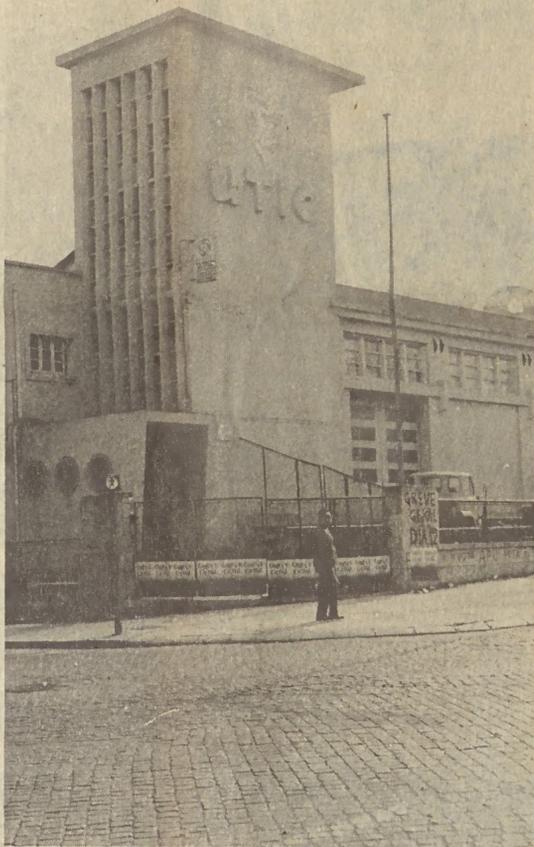
GREVE GERAL

Alguns casos:

Portugal e Colónias	95%
Baptista Russo	95%
Robialac (Sacavém)	100%
Fábrica Portugal	98%
Trefilaria	99%
Fundição de Oeiras	90%
Valentim de Carvalho	100%
Chocolates Regina	100%
Sores	100%
Sumol	97%
Joframa	92%
Teatro Nacional D. Maria II	91%
Coats & Clark	90%
Têxtil Flor do Campo	90%
Grupo Mondego	90%
Nacitex	99%
Oliveira e Feireirinhas	90%
Eurofer	95%
Sepa	96%
Sonafi	90%
Covina	100%
Argibay	98%
Mague	90%
Eurofil	97%
Icesa	93%
Imprensa Nacional - C. da Moeda	75%
Papeiaria Fernandes	75%
Sorefame	94%
Cometna	100%
Lourenço e Santos	100%
Lanalgo	81%
Rodrigues e Rodrigues	100%
Braz & Braz	90%
Hotel Ritz	80%
Snack Monumental	100%
Cervejaria Ribadouro	100%
Restaurante Cozinha Velha (Queluz)	100%
CAET (ex-Plessey)	74%
Metalúrgica Duarte Ferreira (Tramagal)	75%
Lisnave (Margueira)	99%
Arsenal do Alfeite	96%
Transtejo	100%
Metropolitano	100%
EPAL	100%
Siderurgia Nacional	100%
Mundet (Seixal)	100%
Hotel do Mar (Sesimbra)	85%
Quimigal (Barreiro)	100%
Fisipe	90%
Equimetal	96%
Mampor	100%
Móveis Baía	100%
Firestone	80%
Conservas Isidoro	95%
Setenave	96%
Torralta (Setúbal)	77%
Portucel (Setúbal)	93%
IMA	72%
Secil (Outão)	93%
Sapex	70%
Tomé Feteira	98%
Iberoplas	97%
Nova Penteação (Covilhã)	99%
Lanofabril (Covilhã)	100%
Ernesto Cruz (Covilhã)	100%
Compal (Almeirim)	90%
Moali (Cartaxo)	90%
Júdice Fialho	100%
Vidreira da Fartela (Fig. da Foz)	100%
Portucel (Ródão)	87%
Manuel P. Roldão (M. Grande)	100%
Ivima (M. Grande)	99%
Santos Barosa (M. Grande)	100%
Secla (Caldas da Rainha)	100%
Pescadores Peniche	99%
Cimpor (Pataias)	95%
Pescadores Nazaré	100%
Ar Líquido	100%
Soc. Portuguesa Explosivos	100%
Construtora Moderna	100%
Pescadores de Sines	100%
Minas de Aljustrel	100%
Tabaqueira	91%
Jornal do Fundão	100%
Triunfo (Coimbra)	100%
SIAP	100%
Estaco	100%
Fábrica Papel Prado	100%
Alcatifas Carvalhos	100%
C. Santos (Coimbra)	98%
Hotel Penina	80%
Marvia (Rio Maior)	87%
Basmaior (Rio Maior)	50%
Retalnova (T. Novas)	100%
Lusotufos	100%
Rabor	70%
Philips (Ovar)	60%
Estaleiros S. Jacinto	87%
Papéis Vouga	85%
Estaleiros Viana do Castelo	94%
Tebe	82%
Rodoviária Nacional (Lisboa)	95%
CP	100%
Carris	95%
Triple-Marfel	95%
Kopke	95%
William Graham	99%
Ciba-Geigy (Porto)	98%
Comp. Nacional de Borracha	95%
Jornal de Notícias	100%
Café Brasileira (Porto)	90%



As mulheres tiveram uma participação activa e uma presença numerosa nos piquetes de greve



Nos "Móveis Olavo" em Sacavém apenas a mulher e o filho do patrão "laboraram" no sector de produção da empresa...



Os portões da Covina encerrados - a paralisação foi a cem por cento



Mundet, no Seixal: a adesão da totalidade dos trabalhadores e a solidariedade da população



Na Cometna (Venda Nova) era visível no exterior da empresa a elevada adesão à greve



Na Automática Eléctrica Portuguesa as mulheres constituem cerca de 85 por cento de todos os trabalhadores. Combativas e bem dispostas à estiveram, na primeira linha, nos piquetes de greve



Um dos portões de entrada para a Quimigal. Também aqui a paralisação foi total



Siderurgia Nacional: tal como na esmagadora maioria das empresas do distrito de Setúbal, também aqui o número foi de 100 por cento

Milhão e meio de trabalhadores dizem não ao Governo «AD»



As mulheres em força na paralisação da Fábrica de Loíça de Sacavém



CEL-CAT (Venda Nova) — na rua o piquete de greve, no interior o silêncio das máquinas paradas



o AD não diz a verdade! Para repor a verdade, face às mentiras da informação estatizada, foram vários os jornais da Greve Geral que surgiram. Alguns tomavam notas para dizerem aos companheiros e vizinhos



Na zona portuária do outro lado do Tejo a adesão foi praticamente geral (em cima e à direita)

GREVE GERAL

Porto. Na Praça. Da Liberdade.

Desde as 20 horas do dia 11 que se podia ver na zona do Porto um enorme dispositivo policial. Elementos da PSP, muitos à paisana, em colaboração com a Polícia Judiciária e apoiados por carros patrulha, outros casos elementos da GNR, tinham por principal objectivo vigiar a formação dos piquetes de greve e intimidar os trabalhadores. Ao longo de todo o dia 12 este dispositivo manteve-se sempre activo.

Quando o movimento sindical, ao fim da manhã do dia 12 e para combater a monstruosa manipulação da comunicação social feita pelo governo «AD», procurou utilizar os carros sonoros para informar os trabalhadores da verdadeira adesão à greve, o dispositivo policial montado passou a ter como objectivo o procurar silenciar esse único veículo de informação não falsada. A Praça da Liberdade, onde estacionou uma carinhã de informação da USP, tornou-se no mais importante e também principal alvo do dispositivo policial. A todo o custo a polícia tentou silenciar a carinhã. Depois, não permitiu que estivesse estacionada. Mas a carinhã, com o apoio de milhares de trabalhadores que ali se foram juntando para ouvir notícias da gre-

ve, manteve-se sempre a cumprir a sua função. A meio da tarde muitos outros milhares de trabalhadores continuaram a acorrer à Praça da Liberdade ouvindo do verdadeiro êxito da luta e manifestando-se pela demissão do governo «AD». «A luta continua/Balsemão para a rua», «O povo não quer «AD» no poder», «25 de Abril sempre/fascismo nunca mais», «Queremos eleições», «CGTP-Unidade sindical» foram algumas das palavras de ordem gritadas.

Ao fim da tarde e quando os trabalhadores presentes já constituíam uma multidão registaram-se alguns incidentes, já que a polícia se recusou a cortar o trânsito e era grande a indignação da população contra os elementos utilizados pela administração dos STCP para fazer circular os autocarros. Houve autocarros que tentaram romper a concentração mas não o conseguiram e foram depois forçados a recuar em marcha atrás no meio de uma grande combatividade e alegria dos trabalhadores.

Registaram-se também incidentes junto ao «Comércio do Porto» — «AD» fora do «Comércio do Porto», fascistas, fascistas, fascistas», foi gritado por milhares de vozes em uníssono.



Nesta página, imagens diversas do que foi a greve geral no Porto: uma grande jornada de luta, que a propaganda oficial não pode esconder

Falam os piquetes de greve

As centenas de piquetes de greve formados por milhares de trabalhadores, cada um com bracaadeira de greve, à porta de muitas empresas e em muitas zonas de passagem de trabalhadores, constituíram uma extraordinária expressão de combatividade e de organização dos trabalhadores do distrito do Porto e uma riquíssima experiência que certamente terá grandes repercussões em futuras lutas dos trabalhadores.

Em muitos piquetes os trabalhadores não dormiram de 11 para 12, porque várias empresas tinham turnos durante a noite e noutras empresas o trabalho começava cedo (às 6, às 7, às 8 horas) foi uma noite inesquecível, à qual se seguiu um dia de combatividade, de solidariedade e de luta.

A manipulação monstruosa da comunicação social por parte da «AD» colocou durante o dia a todos os piquetes uma nova e importante tarefa, realizada em alguns casos com a ajuda de aparelhagens sonoras: informar os trabalhadores e a população da verdadeira adesão à greve geral.

Alguns depoimentos.

Leonesa (têxtil-Matosinhos)
«Nesta empresa desde há muito que a repressão e intimidação do patronato é imensa. É por isso que vi mulheres que ao entrarem choravam e diziam: Não somos vaidosas, nós estamos de acordo com a greve, mas temos filhos em casa e depois se ficamos sem emprego?»

De facto a empresa encontrava-se rodeada de GNR que estava lá a pedido da administração. Mas digo: a maioria dos trabalhadores estava com a greve».

Efanor (têxtil-Senhora da Hora)

«O sentimento de adesão era generalizado, mas a intimidação

e a acção psicológica era imensa. Logo de manhã, a administração e alguns quadros técnicos faziam piquetes a intimidar os trabalhadores. Normalmente só um portão de entrada está aberto, hoje todos os portões estavam abertos. Trabalhadores que chegavam já depois da hora eram amavelmente convidados a entrar».

Um piquete móvel de Vila do Conde

«Logo na noite de 11 para 12 a GNR pôs-se à porta das empresas e entrou mesmo nalgumas. Vi na estrada Porto-Póvoa carros da GNR pararem, perguntar se iam trabalhar e dar boleia às pessoas».

Marko Jeans (Santo Tirso)

«O chefe disse que se faltasse alguém era despedido. Quando lhe perguntaram como era para os doentes, respondeu 'ninguém pode estar doente na sexta-feira'».

S. Martinho do Campo

«Três empresas que não faziam greve à anos, o piquete foi recebido com aplausos, os trabalhadores não entraram e desfilaram pela avenida».

Álvaro Silva Dias (calçado-Vila Nova de Gaia)

«São 47 trabalhadores. Todos entraram, passaram minutos e depois de estarem a falar com elementos do piquete, saíram».

«Comércio do Porto (Porto)

«Entrámos em diálogo com os trabalhadores, esclarecemos

muitos que iam trabalhar pelo medo de ficarem isolados.

Ao verem o acordo entre os seus colegas, solidarizaram-se e não foram trabalhar...»

Refinaria da Petrogal (Matosinhos)

«É de facto espantosa a capacidade de organização e a unidade demonstrada pelos trabalhadores. Para um grande complexo industrial, salvaguardando a integridade das pessoas e da empresa, sem qualquer incidente e enfrentando o desespero do divisionismo, demonstra uma grande capacidade e uma grande consciência por parte dos trabalhadores. Uma enorme dignidade assumiram os trabalhadores; nem o aliciamento da promoção os detava de estarem na luta com todos os trabalhadores portugueses...»

Foncar (têxtil - Águas Santas)

«Face ao diálogo do piquete uma trabalhadora respondia: a gente quer fazer greve, mas depois eles arranjam pretextos para nos despedir, somos perseguidos pelos lacaos e depois onde é que se arranja outro emprego?»

Não conseguimos convencê-la, mas a verdade é que é uma situação complicada».

Um piquete da zona da Via Rápida (Porto)

«Aqui na zona da Via Rápida correu tudo bem. Os trabalhadores ouviram os elementos do piquete, punham-lhes questões sobre possibilidade de despedimento, contavam da repressão. Em muitos casos trabalhadores que chegavam para trabalhar acabaram por fazer greve. Uma coisa importante: por exemplo na Ambar quando lemos algu-



mas informações da adesão noutras empresas, trabalhadores houveram que regressaram a casa numa clara atitude de solidariedade e ao mesmo tempo de quem sente que afinal não está sozinho».

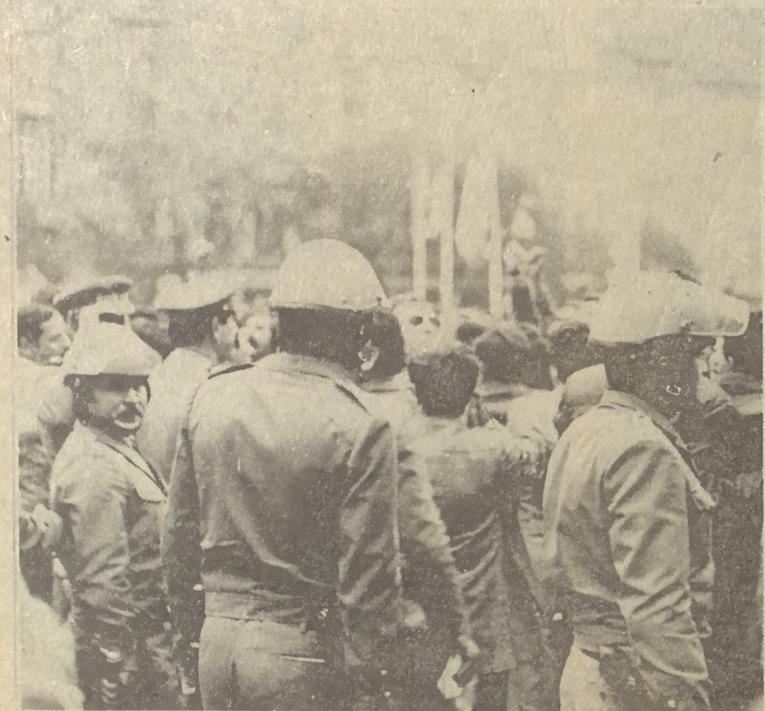
Mineiros de Valongo

«A adesão foi extraordinária. O patronato tentou ilegalmente substituir trabalhadores em greve, mas os piquetes ocuparam esses lugares. Era uma atitude ilegal, e mesmo tendo ido lá a polícia não demoveram os traba-

lhadores. Só de salientar que nesse dia o patrão não teve medo de sujar o fatinho e ao fim do dia foi abraçar os 3 ou 4 trabalhadores que tinham ido trabalhar porque eram contratados a prazo e estavam lá há pouco tempo».

Triple-Marfel (têxtil - Felgueiras)

«Depois de através do altifalante sonoro o piquete ter esclarecido os motivos da greve, saíram 90 por cento dos trabalhadores da empresa. Note-se que todos tinham ido trabalhar».



Factos e documentos de uma jornada histórica

T. Couto na Carris: o esforço inglório

O Governo já tinha sentenciado: os transportes tinham que funcionar! Uma das melhores formas de denegrir o significado da greve era ter alguns «larranjas» e alguns eléctricos em circulação. Juntamente com os chamados transportes de alternativa (que, aliás, têm enchido os bolsos a uns tantos proprietários...), Lisboa daria uma imagem de vida mais ou menos normal.

O Governo ordenou e a UGT cumpriu. Ou melhor: tentou cumprir. E é nessa perspectiva que se interrogavam: será que Torres Couto vai sair daqui agarrado ao volante de algum autocarro?

O dinamismo amarelo foi tal que havia já trabalhadores que se interrogavam: será que Torres Couto vai sair daqui agarrado ao volante de algum autocarro?

O bazar às moscas

Várias singularidades desembocaram imprevisivelmente no passado dia 12 na «baixa» lisboeta. Uma delas levou a nossa reportagem a palmaria à tarde, com toda a meticulosidade, as ruas Augusta, do Ouro e do Carmo para confirmar um facto sem precedentes: as lojas, as muitas dezenas de estabelecimentos desta movimentada zona comercial da cidade, encontravam-se abertos ao público mas... sem clientes. Rigorosamente às moscas, os empregados cavaqueando, os gerentes à



O comércio na «baixa» lisboeta abriu, havia muita gente, mas ninguém quis fazer compras. Na foto: vista parcial do Teatro Nacional, no Rossio

partia, as pessoas olhando as montras de raspão, numa caminhada também insólita: estilo passeio, dos que se fazem para chegar a algum lado, que não ali.

Ali. O mais importante complexo comercial da capital do país, sempre atafalhado de gente e que no dia da greve geral devolveva, à tarde, o surpreendente espectáculo dum gigantesco bazar que se oferecia por detrás de uma barreira invisível, onde a multidão não penetrava.

O fiasco de Borges de Carvalho

Borges de Carvalho, deputado do Partido Popular Monárquico, e praticista (que profissão mais plebeia) da fábrica de plásticos Titan, na Venda Nova (Amadora) visitou a empresa logo de manhã, muito antes de ir para a Assembleia da República.

E a Titan foi a empresa excepção na zona fabril da Venda Nova, zona de grande concentração operária nos arredores de Lisboa. Vivendo um clima de repressão sem paralelo — não foi por acaso que o patrão admitiu um vasto leque de ex-pedidos para ali prestarem serviço — no primeiro turno só quatro trabalhadores paralisaram.

Mas era visível da parte dos

operários, quando chegaram ao local de trabalho o seu desespero pelo que eram obrigados a fazer. Os boatos mais desencontrados sucediam-se «O patrão desconta-nos três dias!» Os contratados a prazo — em grande número — deixaram con-

Contratos a prazo — um exemplo entre outros

Na breve passagem pela «corda de Vila Franca» a nossa reportagem parou junto às instalações da «Volvo», à porta das quais também se encontrava um piquete de greve. Menos numeroso que os restantes, um pouco tenso, rostos fechados. Tinha havido há pouco uma provocação dum encarregado que insultara os trabalhadores em greve e procurara, arbitrária e ilegalmente, expulsá-los do local de trabalho.

A adesão à greve entretanto, era muito mais baixa que na generalidade das empresas da zona. Explicação — uma e de peso: na «Volvo» existe um grande número de trabalhadores em regime de contrato a prazo. A ameaça de despedimento jogara o seu peso determinante. O medo alastrara pela empresa, fazendo sérios estragos na determinação dos trabalhadores, abrindo caminho à arrogância patronal, desajustando os mai-

oras que, nas empresas, orientada para a exploração desenfreada.

Muitos trabalhadores houve, no passado dia 12, que se viram forçados a laborar por terem o seu posto de trabalho embulhado num contrato a prazo. Em alguns casos, como na «Volvo», onde o número de trabalhadores nessas condições é mais numeroso, a situação agrava-se e compromete seriamente a capacidade de luta global.

Contratos a prazo, um exemplo entre outros dos mecanismos de pressão e opressão patronal para manietar a capacidade de luta dos trabalhadores, lhes afogou o vigor reivindicativo, os «domesticar» pelo medo.

Contratos a prazo, uma ignominia a varrer do Portugal de Abril. Um instrumento de exploração e chantagem que já começa a dar os seus frutos e tem de ser vigorosamente denunciado.

João Gomes e Sousa Tavares — a mesma cantilena

O Sr. João Gomes, soarista convencido, participou na sexta-feira à noite num «debate» televisivo sobre a greve geral de 24 horas decretada pelo movimento sindical unitário.

Ao mesmo tempo que perante as câmaras da TV, o sr. João Gomes (segundo à linha as opiniões de Mário Soares) manifestava a sua posição contra a greve, contra os trabalhadores e as suas legítimas e representativas organizações de classe, esse mesmo João Gomes, dizíamos, «esquecia-se» que no jornal que dirige, o «Portugal Hoje», 25 dos 31 jornalistas tinham aderido à paralisação geral, em conformidade com as decisões assumidas por maioria na Redacção daquele matutino e na Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas.

Como é, sr. João Gomes? Ao menos, um pouco de respeito pelos profissionais do «PH...»

O seu colega Sousa Tavares, deputado da «AD», director de «A Capital», foi o outro participante no referido debate promovido pela RTP-1 (que «objectividade informativa e pluralista» terá presidido à escolha daquelas figuras para um debate sobre uma coisa com a qual nada têm a ver?).

Sousa Tavares, no seu já tradicional tom grosseiro, também disse (outra coisa não seria de esperar) que a greve geral era um fracasso, que não teve representatividade, etc.

Entretanto, «A Capital» viveu um ambiente de autêntica paralisação tanto nas oficinas como nos serviços de Redacção. Neste último sector, aderiram à greve 17 trabalhadores e ficaram na 13. Sousa Tavares e Rodolfo Iriarte (director-adjunto) até chamaram a polícia, que chegou a montar um cordão à volta do edifício do jornal...

Trata-se apenas de um exemplo, repetimos, dos muitos que aconteceram por todo o País.

A reconciliação

O jornalista do «Avante!» habita um prédio onde a porteira sempre tem votado na «AD». As relações a nível pessoal são excelentes. No que à política dizem respeito diferem substancialmente.

Na noite da greve o jornalista chegou a casa madrugada fora, já cansado, mas feliz pelos resultados que conhecia da adesão à greve em todo o país.

Subiu as escadas já a pensar na cama, onde iria descansar um par de horas, e nos cuidados a ter para não acordar a família, principalmente os filhos pequenos. Não reparou em nada.

Horas depois, quando regressou ao «Avante!» verificou que os baldes do lixo, que a porteira retira todas as noites, após ter visto a televisão, continuavam à porta dos outros inquilinos.

O jornalista do «Avante!» naquela manhã reconciliou-se completamente com a porteira do prédio onde habita.

Percorrendo a «corda» de Vila Franca

Demos uma vista de olhos pela «corda de Vila Franca», zona industrial que bordeja a «estrada velha» entre Sacavém e Vila Franca de Xira. Parecia que a greve geral decretada pela CGTP-IN tinha vindo para a estrada, tantas e tão contínuas eram os piquetes de greve aos portões das respectivas empresas anunciando a luta que, seriamente, decorria no seio desta importante zona industrial dos arredores de Lisboa.

Esta estrada — que antigamente constituía o único acesso a Lisboa para quem viesse de Vila Franca de Xira — caíra lentamente na subalteridade com o aparcimento do troço de autoestrada V. F. de Xira-Lisboa. Recuperaria parte da antiga importância a partir de Janeiro último, quando este (des)Governo «AD» decidiu aumentar as portagens da autoestrada na ordem dos 400%, o que lançou de novo à «estrada velha» muitos milhares de utentes.

No dia 12 o trânsito também ali era desafogado. Nem bichos nem congestionamentos, apenas uma estrada curiosamente bordejada de pessoas com cartões ao peito. Dir-se-ia domingo, se não fora o inusitado movimento de gente.

Mas era festa de certa maneira. Como se percebia quando parávamos para conversar um pouco — e aí vinha a surpresa: dentro, para lá dos portões das empresas que não tinham pura e simplesmente encerrado, via-se mais gente, pessoas que acorriam curiosas ao perceberem a presença da imprensa. E que desejavam sobretudo deixar clara a sua firme disposição na luta, que devia ser devidamente transmitida ao País pelos órgãos de Comunicação Social.

«A televisão é que devia cá vir, para todos verem como os trabalhadores sabem, no uso dos seus direitos, defender os interesses do povo e do País, o que passa pela demissão imediata deste Governo sem vergonha», afirmava-nos um aguerriado grupo de operárias da Covina



Na «corda» de Vila Franca a solidariedade com os piquetes da greve teve expressões práticas, como por exemplo na Fima de Sta. Iria de Azóia, onde várias mulheres levaram o almoço aos trabalhadores

DISTRITO DE AVEIRO

QUIMIGAL: Produção	100%
Serviços	90%
Estaleiros de S. Jacinto	87%
Fapil	85%
Papéis Vouga	85%
Quimigal	75%
A. Pereira Vidal	75%
Lusoflo	100%
Rabor	70%
Philips	60%
Molaflex	60%
Record	30%
Masa I	50%
Masa II	50%
Joval	30%
Lás Arrancadas	80%
Fontes (400)	80%
Obras Casino (70)	100%
Varredores da Câmara	90%
Delapa	78%
CP (estação)	50%
Costa (C. Civil)	100%

DISTRITO DE BEJA

Agrícolas	98%
Cimentos	100%
Construção Civil	90%
Gráficos	95%
Metalúrgicos	90%
Minérios	97%
Químicos	70%
Hid. Carbono	95%
Indústria Alimentar	59%
Ferrovários	100%
Rodoviários	95%
Sintel	60%
SNTCT	50%
Siesel	77%
Comércio	76%
Utal	97%
Função Pública	75%
EDP — Beja	83%
EDP — Moura	40%
Sonico — Castro Verde	85%
Quimigal	83%
Cervidel	73%
Hotelaria — Beja	65%
Consol — Ferreira	76%
Conservas Pátia — Moura	90%
Portucel — Odemira	98%
Cerâmicos Odemira	100%
Cimpor — Beja	47%
Panificadora de Moura	100%
Panificadora de Brinches	100%
Câmaras Municipais:	
Aljustrel	98%
Almôndovar	97%
Alvito	91%
Barrancos	100%
Castro Verde	100%
Cuba	100%
Ferreira do Alentejo	100%
Mértola	100%
Beja	98%
Moura	89%
Odemira	100%
Serpa	95%
Vidigueira	95%

DISTRITO DE BRAGA

Privor	100%
Asas	70%
António Almeida Filhos	30%
Pemali	80%
Malhas Ribalva	70%
Tecidos Cruz Pedra	85%
Têxtil Vizela	30%
J. Martins Pereira	98%
Lameininho	40%
Cavalinho	70%
Têxtil do Luca	70%
Luis Correia	80%
Lopes Correia	75%
António Ribeiro da Cunha	70%
João Ribeiro da Cunha	90%
Carl	100%
Guimar	90%
Construção Gervásio	95%
A. Sousa	100%
José da Silva	90%
António Costa Filhos	100%
Arnaldo Oliveira	90%
António Domingos	90%
Lusaga	100%
C. Florindo	100%
Abreu e Sousa	100%
Construção Minho	100%
Grundig	63%
Solube	100%
Sampão Ferreira	90%
Bairro	70%
Elétrica	90%
Ribeirão	90%
Lousado	100%
Joaquim Coelho Lima	40%
Tarce	40%
Lopes Correia	100%
Coelima	70%
Montagut	100%
Campeão Português (calçado)	100%
Xaviers	75%
Pátia	100%
EDP — Ruiváes, Guimarães, Ermal, Ponta de Braga e Braga	100%
Câm. Mun. Braga	80%
Serv. Mun. Água e Limpeza	80%

DISTRITO DE CASTELO BRANCO

RN — Oficinas	100%
RN Domingos (70)	100%
Garagem Império	100%
Bromelito	100%
Museu (27)	44%
Serviço de Emprego (13)	61%
CP	60%
Automecânica	70%
Alberto Freitas Ruivo	87%
RN — Oficina Castelo Branco	100%
Lanfoll	99%
José Henriques Fonseca	100%
Domingos Duarte Melo	100%
José D. Pinto	80%
Ferreira e Ferreira	100%
Alberto Roseta	100%
Monteiro	100%
Paulo Oliveira	86%
Romaco	100%
Brançal	93%
Baptista Grilo	100%
Tinturaria Petruce	89%
Borges Ferraz & Irmão	97%
Agostinho D. Carreira	100%
Armado Martins	100%
Utic	73%
Mafal	84%
Automática da Beira	73%
Metalúrgica de Castelo Branco	98%
Garagem S. João	90%
Manuel Lopes	95%
José Lucas	100%
José Ramos Santos	80%
Rui Manuel Fazendeiro	60%
José Raposo	100%
Galibéu & Companhia	100%
Garagem Metalúrgica	100%
Nunes Faria	90%
Luis Domingues	91%
Garagem da Beira	95%
Portucel	70%
Charme	87%

GREVE GERAL

Barata	50%
Júlio Gomes	92%
Abrantina	99%
A. Supico	98%
CIL (234)	95%
Lansira (115)	100%
Nova Penteação (742)	99%
Emprex (117)	97%
Lonoirabril (342)	100%
João Roque Cabral (115)	100%
José Henriques da Fonseca (78)	100%
Ernesto Cruz (434)	100%
Empresa Transformadora de Lás (244)	100%
Campos Melo (142)	100%
Têxtil Pereira Nina (95)	95%
António Pereira Nina Júnior (144)	100%
Sá Pessoa (199)	100%
Cravinos (117)	100%
Santos Pinto (78)	100%
Técnoptul (70)	100%
Júlia Gama (4)	50%
Construtora Abrantina (130)	98%
A. Supico (100)	98%
Manuel Rodrigues Leão (30)	100%
Laurentino Almeida (12)	100%
Edifício novo dos Bombeiros Voluntários (30)	90%
Comércio (empregados)	60%
Portucel (600)	87%
RN (Cernache do Bonjardim)	
Oficinas (106)	50%
Secretaria do ciclo preparatório (5)	100%
Infantário (4)	100%
Firmo (4)	100%
Repartição de Finanças (5)	40%
Narciso, Construtores, Lda. (9)	100%
Moura Matos (196)	94%
Confecções Benoli (27)	100%
Sociedade de Fabricantes (330)	90%
Eres (220)	85%
Auto-Transportes do Fundão (65)	57%
Jornal do Fundão (40)	100%
Casa Santos Marques	82%
RN (52)	30%
Reis Miguel (53)	90%
Serração e Móveis (45)	100%
Lambelho & Ramos (58)	99%
Comércio em geral	45%

DISTRITO DE COIMBRA

Triunfo (800)	100%
SIAP (142)	100%
CIMPOR (350)	
1º turno	100%
2º turno (geral)	60%
EDP, com excepção de Pereiros (350)	100%
EDP, Pereiros (300)	100%
ESTACO (800)	95%
Coimbra Editora (37)	100%
Tipog. Comercial (23)	83%
Tipog. Progresso (5)	100%
Tipog. R. Santa (8)	100%
Tipog. Damasceno (4)	100%
Tipog. Grafim (5)	60%
Balística Pratas (18)	100%
Solium (150)	100%
Taxeira Duarte (280)	100%
SEOP (20)	100%
Hotel Bragança (23)	50%
Café Académico	fechado
Café Moçambique	fechado
Café Troica	fechado
Restaurante Trilão	80%
R.N. (400)	99%
Barragem Fronhas	100%
Agude	100%
José Domingos Batista	98%
Volvo	85%
Abel Machado	95%
Cerâmica Mondego	75%
Barbosa Ribeiro	71%
Coimbra Import	95%
Fábrica Papel Prado (200)	100%
Alcaifas Carvalhos (100)	100%
EDP, Pereiros (200)	95%
Viuva Macielira (70)	100%
Rodoviária Nacional	100%
Schandley (100)	100%
Cooperativa Clepsidra	fechado
Centro B. de Informática (33)	99%
Posto 2 Caixa da Prov.	100%
Sociedade Porcelanas (217)	58%
Miderâmica (116)	97%
Funcionários Sind. Banc. (20)	100%
Metalúrgica Campos (30)	85%
J.D. Balista (42)	99%
Lumel (80)	96%
Termeque (540)	85%
Mec. Industrial Taveiro (60)	50%
Metalúrgica Gomes Porto (45)	50%
Metalúrgica Abel Machado (35)	95%
Metalúrgica Renal (35)	35%
Metalúrgica Transmeça (50)	85%
Metalúrgica Firmatrel (30)	82%
AGFA (620)	50%
Auto Industrial (200)	100%
C. Santos (175)	98%
Auto Garagem (40)	63%
Irmãos Lopes (15)	40%
Braco (25)	100%
Ideal Malhas (270)	83%
F. Martins (250)	75%
Textilândia (100)	55%
Cesol (278)	80%
Infantário 25 de Abril (13)	100%
Têxtil Rifer (220)	76%
Guerin	90%
Hospital Sobral Cid — administrativos	50%
Posto SMS1 — administrativos	26%
Posto SMS2 — administrativos	100%
S.M.S. — administrativos	42%
Posto SMS da Ad. — administrativos	80%
Secret. do Laborat. dos MUC — administrat.	85%
Estaleiros Navais do Mondego (120)	85%
Foznave (220)	70%
Carreira Naval Figueirense (75)	60%
Metalúrgica da Fontela (54)	93%
Vidas e Narciso (10)	100%
Metal. Bretão (50)	88%
Vidreira da Fontela	
1º turno (704)	100%
2º turno	95%
CP — Figueira da Foz (388)	100%
CIMPOR (2 fáb.) Fig. Foz (200)	80%
Hospital Distrital Fig. Foz	
enfermagem	42%
Função Pública	45%
Sicomol (60)	100%
Quimego (40)	100%
Confecções Fontela (40)	80%
S. Municipalizados Fig. Foz (100)	75%
Moisés Correia de Oliveira	100%
COPOFI (Coop. Consumo) (4)	100%
EDP (Vila Robim)	100%
Urbimondego (20)	100%
Empresa de Panificação (17)	42%
Cons. Bordalo & Franco (Colisa) (90)	90%
Pesca do Arrasto	41%
Mourinhos (53)	100%
Guilherme Correia (48)	90%
Briqueque (20)	100%
J. Pimenta (102)	98%
Silva & Carmo (30)	95%
Avigado (50)	100%
Frola (11)	36%
João das Molas (7)	72%
Ideal Figueirense (20)	68%
Tipografia Mar Alto	100%
EMP Moisés Correia de Oliveira	100%
Derval	100%
C. Preparatório de Soure	100%
Casa do Povo de Soure (5)	60%
Escola Secundária de Soure	50%
Tesouraria Fazenda Pública	100%
Emp. Const. Civil «João Costa» (40)	100%

GREVE GERAL

DISTRITO DE ÉVORA

Cooperativas Agrícolas (117)	100%
Pedreiras (65)	92%
Construção Civil (100)	100%
Agrícolas Privadas	80%
Cooperativas de Consumo (16)	100%
UCPs e Cooperativas (925)	100%
Construção Civil	100%
Cidades & Irmãos (metalúrgicos) (157)	84%
Hortícola Divor (Ind. Alimentar) (170)	76%
Descasque de arroz (10)	100%
Tapeçarias (142)	100%
Hidratador de Carbono - Moagem (22)	100%
Panificadora (30)	100%
Táxis (5)	100%
Comerciantes (48)	79%
Correios (7)	42%
EDP (3)	100%
RN (3)	100%
Marmoz	100%
Marmol	100%
Marmetal	100%
Ismael	100%
Pardal Monteiro	98%
Mármore Condado	100%
Fabrimar	100%
Salvama	100%
Espanhol	85%
Vieira	100%
Empreiteiros	100%
Balante	100%
Vitor Esteves	100%
Macheiras	100%
Arminio	60%
Lusobelga	100%
Margalho	100%
Plácido Simões	100%
Rocha	100%
Caeiro	100%
Construção Civil (50)	100%
Agrícolas privadas (90)	90%
Cooperativas Agrícolas	90%
Rodoviários	100%
Pedreiros (717)	100%
Construção Civil	80%
UCPs (146)	100%
Agrícolas privadas	60%
Acutil (metalúrgicos)	99%
Pirra (metalúrgicos) (49)	50%
Josial (metalúrgicos) (48)	40%
Cancho (metalúrgicos)	35%
Matadouro	70%
Shell	90%
Sonap	90%
EDP (38)	55%
EPAC (38)	55%
CTT (técnica)	80%
CTT (assistência)	100%
Cooperativa de Const. Civil	100%
Cooperativa de Consumo Gadanha	100%
Escola Secundária (professores)	25%
Escola Secundária (secretaria)	50%
Escola Secundária (restantes)	100%
Candeias Santos (C. Civil) (369)	92%
Melka (vestuário) (220)	82%
Siemens (elct.) (1340)	72%
Saconel (hidratos) (135)	90%
J. Lopes Branco (metal.) (50)	100%
Acutil (metal.) (76)	84%
Coagro (mete.) (54)	80%
Tipografia Diana (16)	100%
Tipografia Nova (8)	100%
Jornal Notícias de Évora (9)	100%
Fore (óleos) (120)	85%
Tipografia BFC (5)	100%
CUOP (c. civil) (250)	100%
Pró-Tractor (10)	100%
Prediana (c. civil) (80)	100%
Premetal (metal.) (30)	100%
CP (282)	96%
Câmara Municipal (650)	98%
RN (177)	98%
Anibal Tav. (transp. Merc.) (25)	82%
Socévora (100)	100%
Arm. bilou (17)	100%
Progresso EBO (13)	100%
Joframa (10)	100%
Costa Nobre (12)	100%
CDL	100%
Artur Barreiros (22)	100%
Guérin	100%
Sequeiras e Feio (13)	100%
Arq. Caeiro (12)	50%
Soconei (confeitearia) (140)	90%
CTT (telex) (168)	52%
Escola de Enfermagem (26)	70%
Escolas (prof.) (302)	40%
EPAC (43)	100%
Café Portugal (10)	100%
Café Arcada (10)	100%
Ant. Mina Vidigal (pastelaria) (14)	100%
Galerias S. Francisco (16)	99%
Silva & Irmão (metal.) (19)	81%
J. Simões (met.) (6)	100%
Ferbritas (c. civil) (120)	100%
Saparia Leão	100%
UCPs (2140)	99%
Moagem Leões (100)	70%
UCPs (2920)	100%
Comércio (lojas) (229)	53%
Op. Ind. Peq. Empresas (499)	85%
Serviços (diversos) (150)	53%
CP e RN (43)	98%
Construção Civil (diversos) (360)	85%
Agrícolas privados (248)	77%
Portucel (340)	83%
Cooperativa Agrícola (62)	100%
Agrícola privado (40)	50%
Construção Civil (10)	100%
Panificação (2)	100%
Cooperativas Agrícolas (171)	100%
Agrícola privado (215)	26%
Construção Civil (134)	100%
RN (11)	100%
Escola	100%
Somave (418)	47%
Moagem (50)	100%
Pajocel (22)	77%
UCP Estrela da Manhã (226)	100%
Barro Vermelho (48)	100%
Mário Varandas (10)	100%
Baptista Russo (226)	42%
Grémio (5)	100%
Rodoviária (7)	100%
CTT (48)	100%
PC (107)	94%
Francois (têxteis) (122)	100%
Const. Civil (diversos) (250)	97%
Agrícola Privado (300)	86%
UCPs/Cooperativas (771)	100%
Pedreiras (76)	100%
Agrícolas privados (117)	85%
Fratejo (50)	100%
Fadista (20)	100%
Indústrias várias (85)	71%
Comerciantes (100)	49%
Pedreiras (1200)	85%
Serração Mármores (200)	80%
Metalúrgicos (200)	40%
Construção Civil (200)	80%
Professores (110)	30%
Comércio e Serviços (90)	55%
EDP (21)	100%
Função Pública (60)	20%
UCPs (50)	100%
Transportes (10)	90%
UCPs/Cooperativas (653)	100%
Agrícola privada (310)	79%
Construção Civil (155)	83%
Câmara Municipal (129)	93%
Ensino/Professores (51)	29%
Saúde - Auxiliares (23)	26%
Saúde - Médicos (7)	86%
Panificação (21)	86%
Estradas (14)	100%
Moagens (9)	100%
Metalúrgia (8)	87%
Serviços (3)	66%
Comércio (67)	60%



DISTRITO DE FARO

Torres Pinto	100%
Caiaço	100%
RN	100%
CP	100%
Conscop	100%
Bloco	100%
Copola	100%
Batista Russo	50%
Farauto	35%
Auto-Reparadora	100%
Handy	70%
Solisistema	100%
Solimpa	100%
Cavan	80%
Osmop	60%
Aeroporto	60%
Centro de Saúde Mental	50%
Contémica	100%
Compelidora	100%
C. Santos	100%
Interconier	100%
Cataruchina	85%
Clmel Grave	100%
Albucira	87%
Concentral	83%
Filho	72%
Serveiro Ramos	30%
Supermercados Teófilo	100%
F. Pimenta	90%
Cafi	100%
Litografia do Sul	94%
Esperança	100%
Peninsular	100%
Ramirez	90%
Cofoac	100%
Parodi	100%
JAR	100%
RN	100%
CP	100%
Fluviais	72%
STAL	100%
Encerrou o Mercado	100%
Cooperativa de Táxis	100%
Gráfica do Sul	94%
Costa Henriques	100%
28 Janeiro	87%
Alindustrial	100%
Corul	100%
Zéca Martins	100%
Hotel Vasco da Gama	50%
Hotel Navegadores	40%
Hotel Alcazar	78%
Hotel Altura	80%
Hotel Similares de Monte Gordo	99%
Hotel Similares de V.R.S.A.	75%
Pimenta	100%
Albidel	100%
Ucal	100%
CORTICEIROS: Cafi	100%
Distribuição da Sumol	100%
Hotel S. Cristóvão	50%
Ciclo Preparatório	100%
EDP	75%
Bloco	100%
Escola Secundária	100%
V. Gama	100%
J. Pimenta	78%
J. Ribeiro	90%
COCL	100%
C. Silva	100%
Pró-Habituação	100%
J. Viegas	88%
CERAMICOS: Cafi	100%
Adega Coop. de Lagos	100%
RN + CP	100%
COMERCIO: 33 Fechados	100%
Pescas	100%
Unicor (marinha)	80%
Cimpor	92%
Escola Secundária	50%
J. Costa (vinhos)	100%
Val Lobo	90%
D. Filipa	40%
Alete Golf	90%
Vilamoura	70%
RN	100%
Sagres Pousada	100%
CORTICEIROS: Manuel Viegas Jacinto	100%
Barranjé	70%
Estrelo	80%
Amorim	73%
Metalúrgica A. Luis Borges	73%
Serviços Municipalizados	94%
Fazhabita	100%
Escola Industrial	60%
T. Fontainhas Neto	100%
Comércio retalhista	90%
Concentral	83%
S. Ramos	30%
Embarar	92%
Torrilata	50%
Em. Algarvia, pescas do arrasto	100%
RN	100%
Escola António Aleixo (Cofradernização de alunos e professores)	100%
Coop. de Táxis	100%
CONSTRUÇÃO CIVIL:	100%
Pimenta Rocha	70%
Pró-Constrói	100%
Hotel Penina	80%
SECTOR DE CONSERVAS: Alinco	100%
UCAL	100%
Sopiquet	100%
Solféria (Hotel)	100%
Jardim Infantil	100%
Alboera	80%
Viola	100%
Praia da Ora	100%
Ormis	67%
Climalgar	100%
Pescrul	100%
CP ERN	100%
C. Santos	88%
PESCAS:	100%
Traineiras	73%
Arrastões	98%
F. Coco	100%
R. Pereira	100%
Saías	100%
J.A. Pacheco	100%
Interconservira	100%
Conservira do Sul	100%
Rita	100%
Transfer	90%
Rufino Correia (agrícola)	100%
Escola Preparatória	100%
5 lojas fechadas de pequeno comércio	50%

Em Setúbal apoio generalizado à greve

Setúbal amanhece, na sexta-feira passada, para um dia de completa paralisção. Se não fora o trânsito de carrinhas da polícia, carregadas de agentes equipados, o movimento seria pouco, menor que ao domingo. Escolas fechadas, praticamente. Algumas crianças, mandadas às aulas por poucas famílias que suportam ainda a «AD» no Governo, depararam com os estabelecimentos de ensino vazios, menos de meia dúzia de professores -ferrenha gente de direita - em cada escola secundária.

Avançadas e ruas desertas. Já passava das nove da manhã. «Estamos em greve», diziam faixas penduradas nos portões da estação da Rodoviária Nacional, local que se pode considerar um dos centros mais animados da cidade. Um numeroso piquete de greve conversava cá fora. Nenhum autocarro saía.

O comércio mostrava um aspecto curioso. A par de lojas pura simplesmente fechadas - e havia-as um pouco por todo o lado -, outras abriram. Nas mais pequenas só os patrões presidiavam ao vázio. E que ninguém, mesmo ninguém, saía a fazer compras. As moscas. O «Pão de Açúcar» abriu as portas. Clientes poucos.

A praça estava fechada. Mas, logo de manhã, alguns talhantes abriam as suas portas para o exterior. Logo alguns comerciantes se lançam, atravessando os talhos, para o interior da praça, arrombando por dentro os portões. Clientes, poucos.

A porta da Câmara, um numeroso piquete de greve conversava com os transeuntes raros. Dentro do edifício, funcionários «AD» trabalharam. Ao fim da manhã, na Rádio, a notícia descarada e mentirosa de que o Presidente da Câmara e mem-



Ruas de Setúbal sem movimento

bro do CC do PCP, Francisco Lobo, tinha mandado encerrar as portas. Nós vimos as portas bem abertas. Mas já ninguém se admirava das mentiras dos laiaços da «AD».

As ruas foram-se enchendo e, para o fim da manhã, já muitas pessoas passeavam. Uns de autocarrete ao peito, mostravam o seu apoio à greve geral. Outros,

mesmo sem autocarrete, também faziam greve. Vimos, é claro, alguns autocarretes que diziam que os seus donos eram «livres» e «trabalhavam». Mas não era gente de trabalho. Passeavam. Grupos de miúdos «AD» também ostentavam os autocarretes provocatórios. Galhofavam à distância, depois de cruzarem os grupos já numero-

sos de trabalhadores que, de braçadeiras vermelhas de «piquete» passavam nas ruas e distribuíam folhetos dos sindicatos.

De volta à avenida 5 de Outubro. Perto do Centro de Trabalho do PCP, junto da União dos Sindicatos, os trabalhadores juntavam-se. Queriam saber notícias verdadeiras. No concelho estava tudo parado, praticamente. E no distrito, e no País? O supermercado «Nutripl» contava apenas com duas empregadas da caixa. Estava fechado. Abriu. Mas que era feito dos clientes, tão numerosos às sextas-feiras? Acabou por fechar mais cedo. Nos bancos, os empregados que trabalhavam encontravam-se ao balcão, conversavam com algum raro cliente. O café perto da estação RN tinha as cadeiras em cima das mesas. Só o patrão e um empregado ao balcão. Acabou por fechar também muito mais cedo.



Piquete de greve na Setenave



Portucel: carregamento de madeira teve de esperar

Na terra e no mar Setúbal paralisou

Era quase meio-dia quando passava pela cidade um carro com aparelhagem sonora dos sindicatos a dizer aos setubalenses como ia a greve geral no distrito e no país. Metemos-nos também num carro e fomos dar uma volta pelo concelho, a ver como era. Ligámos o rádio. Mas tornou-se impossível ouvir tanta asneira. Quem quisesse a verdade que esperasse pelos jornais democráticos do dia seguinte. Ou que fosse perguntar aos sindicatos. Ou que fosse ver. Fomos ver.

Na «Mague», uma empresa muitas vezes considerada difícil, com metade ou mais dos trabalhadores recrutados entre retornados, a paralisção era completa. Parques autocarros para transportar 18 passos - entre as 500 que lá trabalham - Mas assistimos, à hora do almoço, ao espectáculo insólito de um autocarro de luxo com meia dúzia de gatos, entre empregados de escritório, quadros e administra-

ção, a «encherem» a viatura. Seguimos, bordejando o Sado. Subimos até à Portucel. Tudo vazio. Abordámos três trabalhadores, do piquete de greve. Desconfiaram. «Mas são mesmo do «Avante!»? Identificámo-nos. Só assim quiseram prestar esclarecimentos. Estão fartos da mentira «AD» na «comunicação social» controlada pelo Governo.

Ali todo o processo de fabrico estava paralisado. Camiões carregados de madeira encostavam-se junto aos portões. A paralisção podia considerar-se a 100 por cento. A 90 por cento, considerando que nos escritórios alguns empregados não tinham aderido à greve.

Depois fomos até à Sapec - adubos e rações - onde a greve fora menos feliz. Mas mesmo assim pudemos saber que o número de adesões atingira, no primeiro turno, os 70 por cento. Atravessámos Praias do Sado. Tudo fechado, estrada vazia. Cruzámos um jipe da GNR com guardas armados lá dentro.

Vamos até à Setenave. Na portaria, mais de uma centena de trabalhadores, do piquete de greve, aglomerados junto à grade. A paralisção é total. Meia dúzia de senhores e senhoras, alguns com «O Correio da Manhã» debaixo do braço, pretendem entrar sem se identificarem. Nem o piquete nem o serviço de vigilância estão pelos ajustes. Os trabalhadores em greve querem defender as instalações. Uma discussão viva estava entre um membro do piquete e um dos furas. Outros trabalhadores aproximam-se e deitam água na ferveira. O fura «afasta-se com ar de padre pimentinha. E queixa-se: «isto é que é um humanismo...»

Trabalhadores do comité de greve contam-me: os furas pretendem entrar sem identificação e estão ali há um nor de tempo. Chegaram a animar-se quando alguns jipes da GNR apareceram. Mas os jipes ficaram longe e foram embora depressa. É preciso descaramento para

provocar milhares de trabalhadores em greve e reunir um pequeno grupo de senhores e senhoras que enfrentam a sorrir alarvemente um piquete de cem trabalhadores que defendem os seus direitos e os dos seus camaradas.

Depois passamos pelas empresas do sector automóvel. Só a IMA tem alguma gente a trabalhar. Mesmo assim disseram-nos que foi a maior greve de sempre contando a percentagem de aderência verificada. O Entreposto está vazio. A Renault, idem. Só as faixas que iam encontrando pelo caminho, no interior das fábricas, diziam a razão desse deserto. «Estamos em greve. Contamos Contigo. Fazemos greve geral. Ad fora do Governo», diziam as faixas. A hora a que passámos nem os piquetes se viam. Tinham ido almoçar, disseram-nos.

No mar também devia ser o deserto. Tal como em todo o distrito de Setúbal, também no concelho nenhum barco tinha saído.

O fogo não compensa furar greves também não

Por volta das 15 horas do dia 12 de Fevereiro, fortes estampidos e um estalar seco abalou a cidade de Setúbal. Tiros? pensaram muitos dos cidadãos. Não se tratava de tiros. Eram apenas as telhas da escola secundária que saltavam, as vigas do telhado que crepitavam, num incêndio alarmante. Mas que fogo era este, ateadado nas barbas da polícia que desde manhã não largava as imediações daquele estabelecimento? Fomos ver. A volta da escola, que dá para parque do Bonfim, a polícia estabeleceu um cordão, à força de bastonada. O telhado de um dos corpos do edifício já

tinha ruído e, lá em cima, bombeiros e estudantes, faziam os possíveis por apagar o incêndio que começara no sótão, mesmo ao lado, segundo nos disseram, dos laboratórios, de onde alguns jovens conseguiram retirar botijas de gás, o que impediu que o desastre atingisse maiores proporções. Um espesso rolo de fumo negro cobria já boa parte da cidade.

Os boatos corriam. Verdade, mentira? Numa cidade como Setúbal, onde a reacção nunca desdenhou lançar provocações em alturas ou vésperas de crise aguda - recordemos o 7 de Março, o 25 de Novembro, por exemplo -, os cidadãos e princi-

palmente os trabalhadores já se habituaram a peneirar as informações e as provocações. Contactando alunos e testemunhas, professores e dirigentes sindicais, tentamos fazer o mesmo, isto é, saber o que na verdade aconteceu e como aconteceu.

Assim vimos a saber: que no princípio da manhã, dos 250 professores da escola - e à semelhança de outras escolas, secundárias ou primárias que vimos - só uma ínfima parte não aderira à greve. Aqui, eram exactamente em número de 9 os professores que estavam de acordo com a «AD». O Conselho Directivo da escola, que aderira na sua totalidade à paralisção, não se responsabilizando pela abertura do estabelecimento, era entretanto obrigado, por um despacho do Ministério, a entregar a direcção da escola ao professor efectivo com mais tempo de serviço.

Apurámos que uma tal D. Magnólia se propunha tomar a responsabilidade. Mas não total, pois não se dispunha a assinar sozinha o respectivo termo. Um outro professor o fez - e bem arrependido deve estar. O facto é que, cerca das 10 horas da manhã, um vasto edifício foi invadido por meninos «AD», enquanto outros jovens da escola procuravam dissuadi-los. Eram apenas 9 os professores e 4 os funcionários (estes num total de 45). Não podiam ter mão no que se ia passar.

Cerca das 15 horas deflagrou o incêndio num dos sótãos, perto dos laboratórios.

Desde a manhã que alguns conhecidos reacçãois se desenhavam contra a greve. Tentando agitar as pessoas que se aglomeravam perto da escola e chamando a polícia a intervir, destacavam-se um tal Luís Sôbral, da «Juventude Centrista», o médico Soude, chefe do CDS da zona, e um tal Pina de Abreu, ao que parece psiquiatra. Não admira que, entre os trabalhadores, houvesse quem os responsabilizasse pelo sucedido, dadas as provocações a que se entregaram estes indivíduos.

Quem ateou o fogo? Decerto os que procuraram instalar o pânico e lançar o descrédito sobre o movimento grevista. O certo é que muita gente, na maioria menores, estranha à escola, teve acesso às suas instalações. Os jovens que ostentavam autocarretes favoráveis à greve eram convidados a identificarem-se. Os outros não.

O Conselho Directivo, reunido até ao princípio da noite, acabou por publicar um comunicado lamentando o sucedido e delegando responsabilidades pelo funcionamento da escola. Não se esqueceu de enaltecer a coragem manifestada por alguns alunos que durante o incêndio colaboraram na sua extinção.



Incêndio na Escola Secundária de S. Julião, em Setúbal - «meninos AD» provocam

GREVE GERAL



DISTRITO DA GUARDA

SECTOR TÊXTIL	
Ideal	94%
Fisel (1600)	94%
Vodra (1300)	90%
F. Camelo (100)	94%
Fercol (400)	50%
Metedeiros (20)	70%
Martinho F. Moura (280)	60%
Manuel Carvalho (94)	80%
Sotave (600)	80%
Império (84)	80%
Matos Cunha (70)	89%
Nos trinta (4 empresas) (500)	99%
Cerca (100)	100%
TLC (600)	60%
Belinos (200)	70%
EDP	60%
CONSTRUÇÃO CIVIL	
Moligral	100%
Barata (231)	100%
Pinhel - Cantoneiros	100%
Professores	100%
Barragem do Pocinho (800)	100%

DISTRITO DE LEIRIA

Joaquim M. Santos (101)	100%
Pombal - Escola 1.º tempo	99%
Dâmaso - Vieira de Leiria (291)	99%
Duarte Feteira - Vieira de Leiria (67)	87%
Faprilma - Vieira de Leiria (86)	95%
Tomé Feteira - Vieira de Leiria (542)	98%
Fábrica de Aços - Vieira de Leiria (222)	96%
Comp. Port. de Congelamento - Peniche (40)	100%
Loucarter - Nazaré (76)	98%
Pereiras - Nazaré (148)	28%
Valarte - Nazaré (50)	45%
Olaría - Alcobaca (179)	90%
Pedro & Cardoso - Alcobaca (49)	100%
Serviços Municipalizados - C. Rainha	94%
Nutrigado - Alcobaca (95)	75%
Vimar - Caldas Rainha	100%
Ulmar - Caldas Rainha	40%
Câmara - Caldas Rainha	30%
Turismo - Caldas Rainha	100%
Casa de Saúde - Caldas Rainha	55%
RN - Caldas Rainha (Oficinas)	100%
(Cobradores)	100%
Motoristas	90%
Baptista Russo - Leiria (92)	70%
Carvalho & Catarino - Leiria (89)	30%
Cimpor - Pataias	100%
Cimpor - Maceira (1.º turno)	31%
Fiandeira Mirense - Porto de Mós (410)	87%
Câmara Municipal - Marinha Grande (280)	100%
Carreira & Filhos - Mira d'Aire (15)	96%
Crisal - Pataias	100%
Moleirinho - Pataias	100%
Somoplaste - Pataias (90)	80%
Favilda - Marinha Grande (77)	100%
Normax - Marinha Grande (74)	95%
Guarda Marques - Marinha Grande	100%
Domingos Carvalho - Castanheira de Pera (92)	95%
Fiandeira - Castanheira de Pera (133)	95%
José Tomás Henriques - Castanheira de Pera (208)	100%
Fernando Antunes - Castanheira de Pera (322)	75%
Pompeu Rodrigues Costa - C. de Pera (44)	100%
Barros Antunes - Castanheira de Pera (54)	100%
Abecoop - Castanheira de Pera (30)	100%
Serração Castanheirense - C. de Pera (30)	100%
Moldes Matos - Marinha Grande (63) só produção	100%
Emídio Maria da Silva (3 fábricas) - M. Grande (295) só produção	100%
Florian Ferrreira da Silva - Marinha Grande (só produção)	100%
Calazans Duarte - Marinha Grande (57) só produção	100%
Edilásio - Marinha Grande (82) só produção	50%
Mundtler - Bombarral (54) só produção	90%
Garrido & Filhos - Bombarral só produção	97%
Belmiro Marques - Bombarral (40) só produção	100%
José Luís Morgado - Caldas da Rainha (±30) só produção	90%
Placol - Caldas da Rainha (57)	50%
Infacoop - Caldas da Rainha	97%
Bento da Silva - Caldas da Rainha	84%
Garagem Caldas - Caldas da Rainha	27%
Gracol - Caldas da Rainha	90%
Famacal - Caldas da Rainha	34%
Tipog. Minerva - Caldas da Rainha (fechou)	100%
C. Municipal (Finanças) - Marinha Grande	100%
C. Municipal (Delegação de Saúde)	98%
Famopla - Marinha Grande (61) só produção	95%
Marques Neves - Peniche	66%
Júdice Fialho - Peniche (80)	88%
Berlenga (Algarve Exportadora) (90)	80%
Ramires - Peniche (90)	95%
Frigorífica - Peniche (100)	37%
Ricel - Porto de Mós (90)	30%
Vestal - Alcobaca (129)	50%
EDP - S. Jorge - Porto de Mós	85%
EDP - Oficinas - C. da Rainha	40%
EDP - Peniche	35%
Esc. Secundária - P. de Mós - F. Pública (17)	40%
Proalmentar - Leira (343)	76%
Est. Miguel Agost. Jorge - Bombarral	69%
Farsil - Bombarral (45)	50%
Comepe - Peniche	60%
Cercipe - Peniche	100%
Anibal H. Abrantes - Marinha Grande (318)	100%
Manuel P. Roldão - Marinha Grande (624)	99%
Ivima - Marinha Grande (1320)	95%
Quimigal - Ansião (231)	99%
Cive - Boavista - Marinha Grande (227)	99%
Cive - Produtora - Marinha Grande (420)	100%
Santos Barbosa - Marinha Grande (829)	82%
Ricardo Galo - Marinha Grande (627)	97%
RN - Caldas da Rainha	97%

Secla - Caldas da Rainha (594)	100%
Crisal-Automática	100%
Crisal - Alcobaca (primeiros turnos)	65%
Pescadores de Peniche (3000)	99%
Cimpor - Pataias (322)	95%
Construção Hospital - Marinha Grande	100%
Subtil - Caldas da Rainha (111)	93%
Belos - Caldas da Rainha (56)	100%
Serviços Médicos-Sociais - C. da Rainha	98%
União Madeiras S. Jorge - Porto de Mós (23)	100%
Escola da Marinha Grande - 1.º tempo	80%
Licou das Caldas da Rainha - 1.º tempo	90%
Bonito Garcia - Peniche (60)	94%
Magistério das Caldas da Rainha	90%
Escola Secundária - Peniche (prof.)	100%
IOS - Peniche	80%
Câmara Municipal - Peniche	99%
Supermercado Unical - Peniche	99%
Cooperativa de Consumo - Peniche	100%
Farmácia Central - Peniche	100%
Atadeiras - Peniche	100%
Serviços Administr. Unicoopesa - Peniche	100%
Trabalhadores da Ribeira - Peniche	100%
Miguel & Afonso - Albano (construção civil)	100%
Amadeu, Lda. - Peniche (40)	100%
Indústrias de Pataias (29)	41%
Madeiras Marinhense (15)	100%
Diobor - Pataias (8)	100%
J. Neves - Pataias (5)	100%
Neves Mota - Madeiras - Pataias (15)	100%
Apali - Moldes - Pataias (20)	100%
Molde Martins - Pataias (30)	90%
Omnilite Aglomerados Madeira - Pataias (12)	100%
Platex - Nazaré (1.º turno) (228)	30%
Platex - Nazaré (normal) (228)	40%
Elevador - Nazaré	100%
Serviços Municipalizados - Nazaré	70%
Esternato D. Fuas - Nazaré	90%
Externato D. Fuas - Nazaré (estudantes)	96%
Museu - Nazaré	70%
Matadouro - Nazaré (não funcionou)	70%
Pescadores - Nazaré	100%
Tractores de reboque da praia da Nazaré	100%
Posto de Turismo - Nazaré	100%
Junta de Freguesia - Nazaré (fechou)	100%
Hospital - Pombal - paramédicos	100%
Função Pública - Pombal (30)	32%
CP - Pombal	100%
Notário - Pombal	100%
Registo Civil - Pombal	100%
Tribunal - Pombal	100%
Socer - Pombal (115)	100%
RN - Pombal (oficinas)	95%
Vieira da Cruz - Pombal (43)	100%
Escola Secundária - Pombal (prof.) (27)	40%
Escola Secundária - Pombal (alunos)	50%
Barbosa & Barbosa - Marinha Grande (1.º turno) (64)	100%
Barbosa & Barbosa - Marinha Grande (2.º turno)	96%
Trindade & Caldeira - Marinha Grande (13)	100%
Iberoplás - Marinha Grande (113)	97%
Materias Plásticas - Leiria (303)	40%
Serração de Madeiras Marinhense - M. Grande (21)	100%
Somoplast. - Alcobaca (90)	90%
Solpe - Leiria (77)	60%
GAT - Caldas da Rainha	50%
Câmara Municipal de Caldas da Rainha	36%
Serv. Municipalizados de C. Rainha	99%
Serv. Municipalizados Nazaré	99%
Câmara Municipal de Obidos	61%
Câmara Municipal de Peniche	30%
Sousa & Figueiredo	100%
Resinagem Nácsul	100%
Recauchutagem Seica	97%
Ucla	96%
Sovivral	100%
Plásticos Valverde (2.ª fábrica)	99%
Plásticos Correia	50%
Luis Rocha	100%
Anibal H. Abrantes	100%
Saprilma	95%
J. Mendes Tinha	100%
Joaquim Carreira	100%
Franças Bela	100%
Centro de Saúde - Caldas da Rainha	55%
Pereiros	100%
Saufujo	95%
Esconhais	95%
Retorta	75%
Serração Castanheirense	100%
SMP	100%
Câmara Municipal da Nazaré	99%
Licou Caldas da Rainha	90%
Enatil	100%
Maldonado Freire	100%
Bátista & Paracis	100%
Grandart	55%
Valverde (1.ª fábrica)	57%
Ina	69%
Boavista	100%
Morais Matias	100%
Produtora	100%

DISTRITO DE PORTALEGRE

Construção Civil	100%
Sector agrícola cooperativo	100%
Sector agrícola privado	100%
Sector agrícola cooperativo	100%
Câmara Municipal	100%
Cooperativa Andaime	100%
Sector agrícola cooperativo	100%
Sagredo (núcleo C. Maior)	99%
Ferrovários	99%
Moagem	100%
Metalúrgicos	100%
Manuel Rodrigues	100%
Inesca	100%

Juesca	100%
Rodoviários	87%
Ferrovários	99%
Pousada	50%
Construção Civil	30%
CP	100%
Pedreira de Alpalhão	98%
CP (Torre das Vargens)	98%
Câmara Municipal	100%
Junta Freguesia (Galveias)	30%
Cestal	100%
Sector Agrícola Cooperativo	100%
EDP	90%
Jorge Arranhado	100%
Louro e Pires	50%
Finanças	36%
CP	100%
Valura (secção c. civil)	100%
UCP 19 Dezembro	100%
LANIFÍCIOS	
1.º turno	90%
turno normal	40%
Escola de S. Lourenço	27%
Hospital (Medicina humana)	100%
Fábrica de Azulejos do Cano	100%
Obra Lagar Cano	100%
Nobra	88%
Sector Cooperativo Agrícola	100%
Sector Agrícola Privado	90%

DISTRITO DE SANTARÉM

Metalúrgica F. Simões	100%
Oficinas de Alpiarça	100%
Fundição Tomarense	90%
Urbental (const. civil)	100%
11 cooperativas (const. civil)	100%
F.J. Fonseca (const. civil)	95%
Silvestre Monteiro (const. civil)	95%
F. Quinas (const. civil)	100%
I.C.S. (const. civil)	81%
Inácio	80%
Abílio Alexandre Inácio	100%
Tipografia do Nabão	100%
Impotol	50%
Queimado e Pampolim (alim.)	80%
Sapropor (alim.)	100%
Panificadora de Alpiarça	100%
Cardoso e Oliveira (alim.)	100%
Daniel Ramos & Silva (alim.)	100%
Amaral Neto (alim.)	100%
Moita Baptista (curtumes)	52%
Ladeiras (curtumes)	50%
Boaventura (curtumes)	60%
Curidos em Alcanena (curtumes)	86%
Poligalco (curtumes)	57%
Manuel Vicente (curtumes)	100%
Joaquim Inácio (curtumes)	100%
Cordeiro Nogueira (curtumes)	100%
Soepo (curtumes)	35%
Fecali (ind. química)	52%
Sopocasa (ind. química)	100%
Victor Guedes (ind. química)	100%
Lusofane (ind. química)	85%
Aleixo & Irmãos (têxteis)	95%
Avilima (calçado)	30%
Escola Preparatória de Alpiarça	92%
Hospital da Chamusca	45%
Centro de Emprego de Santarém	25%
Junta Nacional de Vinhos - Almeirim	52%
Madeiras do Cabo (madeiras)	90%
Esteves & Esteves (madeiras)	100%
António Onório Ferreira (madeiras)	100%
Moagem de Abrantes (67)	100%
Victor Guedes (108)	99%
MDP (1787)	80%
FRA (300)	50%
Silva & Dias (180)	50%
Apolinário Marçal (100)	95%
Café Pelicano	100%
Neo Cerâmica (41)	60%
Aleixos (35)	98%
Automecânica (20)	100%
Ensino (450)	50%
EDP	100%
RN (120)	100%
Somapre (250)	95%
Hospital (240)	80%
GERCAR (20)	100%
Paz, Pão e Trabalho (25)	100%
Casa Mota (150)	100%
Olimar (250)	30%
Lusitânia de Minde (100)	85%
Torrinha (18)	99%
Casa Matos (100)	100%
Compal (500)	90%
EDP	80%
C. Municipal (200)	90%
Agrialto (20)	100%
Casa Agrícola Alorna (350)	95%
Op. Agrícolas (± 1000)	100%
Instituto José Relvas (21)	100%
Agrícolas	100%
A. de Matos (90)	87%
Metalúrgica Benavent. (103)	100%
Branco & Carvalho (100)	95%
Daniel Ramos (32)	100%
IDAL (200)	50%
Coop. Esp. Samora (30)	100%
Coop. Esp. Benavent. (22)	100%
Companhia das Lezírias (500)	80%
C. Municipal (300)	100%
Mecânica Agrícola (33)	42%
Casvel (72)	94%
API (13)	78%
Freixial (18)	44%
Coop. Consumo (6)	100%
Ramos & Silva (29)	100%
Moali (330)	95%
Fábrica de Mármore (100)	95%
Cabral & Gergo Lda. (25)	100%
Nova Gráfica (10)	100%
Ernesto Baptista (8)	100%
Lusofane (232)	70%
Antiga Soc. Ribatejo (37)	80%
Interagro (134)	33%
Jorge Honório (70)	100%
António Jorge (30)	100%
Esc. Secundária (prof.)	70%
Esc. Preparatória (prof.)	60%
Esc. Prep. e Secundária (26)	95%
S. M. Sociais - Chamusca (6)	100%
C. Municipal (100)	90%
Varela (c. civil) (200)	50%
Op. Agrícolas (± 2000)	100%
P.M. Agricultores (± 500)	100%
SPALLI (90)	99%
Persistente (50)	80%
RA (300)	100%
RA (2500)	100%
Câmara Municipal (400)	100%
Comolex (20)	100%
Citac (15)	80%
Coopsor (70)	100%
Branco & Simões (59)	26%
Cardoso & Sobrinho (23)	100%
CP (3000)	97%
Op. Agrícolas (1500)	95%
Mirrado	85%
RN	100%
Monvia (62)	87%
Basmaior (230)	50%
Casa Agrícola C.M. Real (60)	100%
Operários Agrícolas (500)	100%
C. Civil (Empresas) (200)	100%
Serração Central (35)	100%
Serração Parracho (11)	100%
Intexta (120)	79%
Casas Cadaval (140)	80%
Sardan (160)	50%
RN - Movimento (120)	70%
RN - Oficinas (250)	85%
Metalnova (120)	100%
Ala (150)	100%
Costa Nery (451)	95%
Dopoivo (100)	100%
Madeirarte (140)	100%
Centro Mat. Torrejano (120)	100%
Comp. Nacional Fiação (700)	75%
Unital (200)	80%

Abílio Reis (15)	100%
SIF (21)	80%
M. Vieira (20)	100%
Professores Preparatório	61%
Professores Secundário	60%
CTT (300)	60%
Lourenço & Irmão (72)	100%
Hospital Distrital (136)	60%
Emp. Ind. Elec. Almonda (63)	100%
Proal (20)	100%
Luz & Irmão (45)	75%
Joaquim Vieira (32)	100%
Estação Zootécnica (480)	37%
RN (187)	95%
Ilídio Monteiro (200)	90%
Interóptica (44)	31%
JAE (45)	95%
Coop. Consumidores (10)	100%
Unicer, produção (326)	50%
Prado (190)	100%
Matrena (350)	100%
Metalúrgica C. Flores	100%
Metalúrgica Rectifical	100%
Escolas (professores)	30%
Câmara Municipal Chamusca	76%
Câmara Municipal Golegã	40%
Câmara Municipal Barquinha	28%
Câmara Municipal Torres Novas	40%
Serviços Municipais Santarém (157)	44%
Ribatejano (Hotelaria) (8)	90%
Tempários (Hotelaria) (80)	50%

DISTRITO DE VIANA DO CASTELO

Estaleiros	94%
FN	81%
Garagem Almada	100%
Sociedade Artística	75%
Marinho	100%
SPT Porto	76%
Santa Marta	100%
Lindoso (EDP)	100%
Neisex	50%
Minalça	50%
Minorte	100%
Tebe	82%
Castelovia	78%
Celestino Rogrigues	100%
Durães	90%
Boinas	100%
Hospital de Viana	60%
Portucel	82%
Tipografia Gutenberg	100%
Serração Sá Gonçalo	60%
Serração do Rio (Fonte de Lima)	60%
João Magalhães Rocha	100%
António Dias Soares	75%
Abílio Ribeiro	100%
Joaquim Bouças	85%
Henrique da Luz	80%
Luis Fernandes	55%
Interpal	40%
Engilina	100%
Soares da Costa	40%
Serviços Municipalizados	50%
EDP - Monção	100%
Melgaço	67%
Gaminha	71%
Valença	100%
Escola Condução Vianense	60%
Escola Pinheiro	30%
Armazém 26 Pequeno	100%
Cooperativa Domus	82%
Escola Secundária Monserrate	53%
Gaivota (Infantário)	76%
Centro Seg. Regional	

Álvaro Cunhal ontem em Alcochete: São os trabalhadores, a CGTP-IN e o PCP que podem legitimamente falar na derrota política do governo "AD" com a greve geral de 12 de Fevereiro

O camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, discursou ontem em Alcochete, no decorrer da Assembleia da organização local do nosso Partido. É desse discurso que publicamos a seguir as partes essenciais.

Saudação aos grevistas

Na semana que começa amanhã terá lugar uma reunião do Comité Central do nosso Partido. Examinaremos então em profundidade a greve geral do dia 12 e tiraremos as necessárias conclusões.

Mas desde já, além de algumas informações e considerações gerais, quero aproveitar esta ocasião, para aqui, da tribuna da vossa Assembleia, em nome do Comité Central, saudar calorosamente a classe operária e todos os trabalhadores pelo extraordinário êxito da greve geral — pela elevada participação que ultrapassou os 1 milhão e meio de trabalhadores, pela exaltante unidade verificada, pelo elevado grau de organização, pela determinação que mostraram face à indigna e monstruosa campanha de mentiras, de desinformação, de intimidações e ameaças do governo «AD» e seus aliados, pela firmeza com que defendem os seus interesses vitais, as liberdades, as outras grandes conquistas da revolução, o regime democrático consagrado na Constituição da República.

A classe operária mostrou uma vez mais ser a classe de vanguarda na luta do povo inteiro pela realização das suas grandes e justas aspirações.

Saudamos, ao mesmo tempo, a central sindical dos trabalhadores portugueses que conduziu a greve geral, a grande e gloriosa central unitária e democrática inteiramente ao serviço dos trabalhadores — a CGTP-Intersindical Nacional.

Saudamos também, as outras classes e camadas sociais (agricultores, comerciantes, técnicos, intelectuais, estudantes) que deram activa contribuição para o sucesso da grande paralisação nacional.

Saudamos todos os democratas que compreendendo a necessidade da acção comum, participaram na greve geral lado a lado com os comunistas e trabalhadores sem partido.

E, finalmente, saudando os participantes na greve geral, temos o dever e a satisfação de saudar ainda os nossos camaradas do Partido e da JCP, os comunistas, homens, mulheres e jovens, que, na frente da luta da classe operária, como com todas as outras frentes da luta popular, ocuparam as primeiras linhas e deram e dão provas inextinguíveis de dedicação aos interesses dos trabalhadores.

A greve geral, que acaba de realizar-se, insere-se na luta tenaz do Povo português contra a reacção em defesa dos seus interesses vitais, das conquistas de Abril, do regime democrático. Luta por uma solução democrática e uma saída democrática para a gravíssima crise económica, social e política que o País atravessa em consequência da actuação do governo «AD». Luta que exige como primeiro e fundamental passo, que o governo «AD» seja demitido e a «AD» seja afastada do Poder que usurpa.

O governo não cai automaticamente em resultado da greve geral. Mas a greve geral assistiu um novo e profundo golpe na reacção e foi um novo e importante passo para que a «AD» seja corrida do Poder.

Os trabalhadores continuarão a luta até que este objectivo seja atingido.

Breve balanço da greve geral

Usurpando e monopolizando os meios de comunicação social do Estado, a «AD» e o seu governo, manipulando com repugnante sem vergonha a informação tal como fizeram antes da greve geral, tem continuado a massacrar o nosso povo com um chorrilho de falsidades e mentiras que só mentalidades fascistas se atrevem a conceber e a lançar.

Esse chorrilho de mentiras é uma cortina de fumo com o governo «AD» procura ocultar a sua derrota política e o extraordinário sucesso da greve geral dos trabalhadores portugueses.

O secretário de Estado junto do Primeiro-Ministro, o sr. Marcelo Rebelo de Sousa gosta de se apresentar como pessoa perspicaz.

Mas o seu comentário à primeira apreciação da Comissão Política do Comité Central do nosso Partido sobre a greve geral, não abona muito tal pretensão.

O secretário de Estado sublinha que a Comissão Política não apresenta números, só diz generalidades, não indica percentagens. Sr. Marcelo, sr. Marcelo guarde um bocadinho a calma, senão dirá cada dia disparates maiores e corre o risco de nem os seus amigos acreditarem na perspicácia que gostaria de ter.

Nos possuímos informações pormenorizadas da greve geral, enviadas ao longo do dia 12 ao Comité Central pelas organizações do Partido. São milhares de informações de milhares de empresas e sectores de luta, com números e percentagens. Quando afirmamos que a greve geral foi um sucesso e que a maioria esmagadora dos trabalhadores aderiu a ela é com base sólida que o afirmamos.

Na próxima segunda-feira um número especial do «Avante!» publicará muitos dos dados concretos acerca da participação na greve em todo o País. O quadro é uma demonstração da participação esmagadora dos trabalhadores na greve geral.

Leia, sr. Marcelo, leia, e, se tem ainda um milímetro de vergonha, faça mea culpa e reconheça que mentiu e caluniou.

O «Avante!» especial de segunda-feira dará pois numerosos dados sobre a greve geral. Na próxima quarta-feira fará o Comité Central um exame circunstanciado. Mas terá interesse desde já referir alguns dados provisórios, tendo em conta as informações já divulgadas pela CGTP-IN e também as nossas próprias informações do Partido.

A primeira coisa que se deve salientar é que a própria preparação da greve geral foi um vastíssima acção de massas que, em si mesma, tem um valor e significado políticos.

Aderiram à greve segundo números provisórios 258 organizações sindicais, das quais 73 não filiadas na Inter. Segundo as informações de que dispomos para decidirem da greve realizaram-se cerca de 3500 plenários com a participação de mais de 250 000 trabalhadores. A greve não foi decretada como uma ordem para cumprir. A greve foi decidida pela CGTP-IN em reunião plenária da sua Direcção, foi discutida na base pelos trabalhadores e a participação dos trabalhadores não foi decretada de cima mas decidida pelos próprios trabalhadores.

A preparação da greve geral foi além disso um testemunho das normas democráticas de funcionamento da CGTP-IN e da sua estreita ligação com a classe operária e as massas trabalhadoras.

Na própria preparação e desenvolvimento da greve geral, a CGTP-IN mostrou ser, sem qualquer dúvida, a única central unitária e democrática dos trabalhadores portugueses, pois a UGT já mostrou sem sombras de dúvida que é um grupo de divisionistas e amarelos inteiramente ao serviço do grande capital e da política do governo «AD».

E o que foi a greve geral quanto à sua extensão e à participação dos trabalhadores?

Nos principais centros e sectores industriais, na zona da reforma agrícola e nos portos os trabalhadores participaram em massa na greve geral, atingindo em milhares de empresas mais de 80 e 90% dos trabalhadores e em mais de 700 empresas por nós inventariadas, a paralisação total (100%).

Nos concelhos limítrofes de Lisboa, em todo o distrito de Setúbal, nos três distritos alentejanos, o sector produtivo paralisou quase totalmente, e nas outras actividades económicas registaram-se elevadas percentagens.

Pode dizer-se sem exagero: o distrito de Setúbal parou, o Alentejo parou, os concelhos industriais do distrito de Lisboa pararam e por todo o País pararam elevadíssimas percentagens de trabalhadores.

Em Lisboa, no Porto, em Braga e Guimarães, no Algarve, nos centros industriais do distrito de Santarém, em Coimbra, Covilhã, Viana do Castelo no distrito de Aveiro e Leiria pararam centenas de empresas.

Mesmo nas zonas mais difíceis como Trás-os-Montes, Viseu, Guarda, Regiões Autónomas, houve numerosas e importantes paralisações.

Quase em todo o País, nas grandes empresas, a greve foi total ou quase total. Na lista de empresas paralisadas encontramos a grande maioria das grandes empresas.

Nos transportes, a paralisação total dos caminhos-de-ferro, do porto de Lisboa, da Rodoviária Nacional, da Transtjejo, Companhia de Navegação, dos transportes urbanos de Braga, Guimarães e outras cidades constituiu a maior greve de transportes até hoje realizada em Portugal.

Quanto à Carris de Lisboa, é certo que com ameaças e concessões da última hora saíram autocarros e carros eléctricos. Mas não há razão para o governo fazer tanto alarido. No total de 654 autocarros saíram 173 e no total de 210 eléctricos saíram 8. Ao mesmo tempo os 1000 trabalhadores das oficinas da Carris pararam totalmente.

Na água e luz, as paralisações foram elevadíssimas. Os pescadores pararam no Algarve, no distrito de Setúbal, em Peniche, em Matosinhos. Milhares de trabalhadores da Função Pública, arrastando as mais violentas pressões, pararam. Numerosas padarias fecharam por todo o País. Nos hotéis, serviços camarários, teatros, houve numerosas paralisações.

Nos bancos e seguros, a participação foi mais baixa, mas atingiu apesar de enormes pressões de 10 a 25%.

Nos campos registou-se a paralisação total na zona da reforma agrícola e manifestações camponesas em várias regiões.

Nas escolas, foi elevadíssimo o número de escolas que fecharam, por ausência de professores ou de alunos, ou de uns e outros.

E na comunicação social, designadamente, nos jornais, a participação dos jornalistas e gráficos foi muito elevada, incluindo em jornais de tendência da direita, sendo um espectáculo indecoroso ver na RTP, no próprio dia da greve, falarem contra a greve, dois directores dos jornais, nos quais os jornalistas e trabalhadores por grande maioria haviam decidido a participação na greve geral.

Não pretendo aqui ir além de algumas indicações exemplificativas, apenas para dar alguns dados comprovativos da nossa apreciação geral acerca do êxito da greve geral.

Já se adiantou, numa estimativa, que o número de participantes na greve geral do dia 12 atingiu um milhão e meio de trabalhadores. Talvez que as contas não estejam ainda totalmente feitas. Mas o número não deve pecar por excesso.

Raisivos e impotentes, a «AD», Mário Soares e toda a espécie de escribas reaccionários podem balar mentiras e calúnias quando lhes faltam factos. Mas as mentiras e as calúnias não conseguem destruir as realidades.

A greve geral de 12 de Fevereiro foi a mais poderosa greve jamais realizada no nosso país. Trata-se de uma indelével afirmação da unidade dos trabalhadores e da força da CGTP-IN.

Uma derrota do governo «AD»

Os serviços de propaganda da «AD» bombardeiam literalmente a opinião pública com a afirmação repetida milhares de vezes e apoiada nas mais descaradas mentiras de que a greve geral foi «um fracasso» e «uma derrota» dos trabalhadores, da CGTP-IN, do PCP.

Não é porém o governo «AD» que pode dizer que a greve geral foi um fracasso. São os trabalhadores que podem legitimamente falar do fracasso do governo «AD» para impedir a greve geral.

Não é o governo «AD» que pode falar na derrota dos trabalhadores, da CGTP-IN, do PCP. São os trabalhadores, a CGTP-IN e o PCP que podem legitimamente falar na derrota política do governo «AD» com a greve geral de 12 de Fevereiro.

O governo «AD» sofreu uma grande derrota política que as suas mentiras não pode escamotear, porque, usando todos os poderosos meios do Estado, pretendeu impedir a greve geral e entretanto a greve geral fez-se com extraordinário sucesso.

A «AD» e o seu governo, (coadjuvados por Mário Soares e outros dirigentes da Comissão Permanente do PS) lançaram uma furiosa campanha de intimidação e ameaças, monopolizando e manipulando para esse fim a Televisão, a Rádio e outros meios de comunicação social estatizados e tomando medidas práticas de carácter repressivo, com a mobilização e aparato de milhares de agentes da GNR, PSP e Polícia de Intervenção.

A «AD» e o seu governo lançaram as mais infames provocações.

Provocação as repetidas afirmações dos chefes da «AD» e do seu governo ligando a greve geral e uma suposta «tentativa de golpe de Estado», a «uma tentativa de insurreição do PCP», a um plano de «desestabilização do regime democrático», provocação esta secundada pelo secretário-geral do PS que, como noutros momentos, no seu anticomunismo foi ainda mais longe do que os propagandistas da «AD», porque segundo foi dizer ridículo a Espanha, o PCP não tem apenas o objectivo de «desestabilizar o regime democrático português», mas de «desestabilizar a Península Ibérica!» Assim mesmo.

Provocação, as acusações feitas pela «AD» ao PCP de utilizar o movimento sindical para um «golpe», acusações perfiadas pelo Júdice do «Diabo» que fala na «dimensão blanquista» da actividade sindical do PCP, e dias depois perfiadas por Mário Soares no «Portugal Hoje», onde fala da instrumentalização «de tipo blanquista» do movimento sindical pelo PCP.

Provocação, o «desafio» (tal é o termo da nota do governo) feito, três dias antes da greve, pelo governo «AD» ao PCP para um debate sobre a greve geral na mesma RTP e no próprio dia da greve, ao mesmo tempo que recusava um debate já marcado para o dia 11, na RTP com representantes da CGTP-IN.

Provocação, as declarações do ministro da Administração Interna e de outros sujeitos da «AD» insinuando abertamente que a bomba lançada a porta de um dirigente da central fantecho UGT (uma bomba para amigos, com rastilho lento para dar tempo à vítima de prevenir toda a vizinhança e se pôr ao fresco) e outra à porta de um implicado na antiga rede bombista CODECO/CDS, poderiam ser inspiração ou obra do PCP.

Provocação, o comunicado do Conselho de Ministros do dia de ontem insinuando estar o PCP envolvido num caso de armas e explosivos apreendidos na noite de 12 para 13. Caso que, pelas notícias cheias de contradições e as parangonas dos jornais fascistas, «cheira», em si mesmo, a uma provocação montada pela própria «AD» ou meios que lhe são afectos.

Provocação (repetindo a célebre campanha de 1975 sobre os supostos 30 mil cubanos clandestinos no Alentejo) a insinuação do pasquim reaccionário «Correio da Manhã» (que afirmou também já as palavras de alguns dirigentes da «AD») segundo a qual o lançamento da greve não seria estranho à presença em Portugal de centenas de soviéticos (?) checos, húngaros e mais outros «nacionais de países de leste».

Mentiras, falsidades, calúnias, acusações, infâmias, ameaças, provocações, demagogias, cedências de última hora para desmobilizar os trabalhadores (como sucedeu na Carris em Lisboa), nada faltou na acção da «AD» e do seu governo para impedir o êxito da greve geral.

E entretanto, o governo foi incapaz de o impedir. A greve geral fez-se e foi extraordinário sucesso de mobilização e de luta dos trabalhadores, a mais vasta acção de toda a história do movimento operário português.

Derrota política do governo «AD», vitória política dos trabalhadores e da sua grande central sindical, tal o real resultado da greve geral do dia 12 de Fevereiro.

Os socialistas Mário Soares e a greve

Não é possível falar na greve geral de 12 de Fevereiro sem falar, por um lado, na participação na greve de numerosos membros e eleitores do PS e, por outro lado, na atitude de plena identificação de Mário Soares e seus amigos com a «AD» na campanha de mentiras e calúnias.

E com sentimentos de fraternidade democrática que saudamos os trabalhadores socialistas e todos os portugueses e portuguesas socialistas que, resistindo às fortes pressões sobre eles exercidas, vieram à luta, ombro com ombro com os seus companheiros de trabalho comunistas, de outras tendências e sem partido.

A dignidade e a independência dos socialistas na luta social e política portuguesa foi expressa, não nas posições do seu secretário-geral combinado com a «AD», mas na atitude dos seus militantes que participaram na greve geral.

O secretário-geral do PS tem contestado com veemência as críticas que lhe fazemos do colaboracionismo com a «AD» em zonas importantes da vida nacional, como é o caso das autarquias, da vida sindical, da revisão da Constituição.

Infelizmente, não há praticamente nenhum aspecto da luta social, política e ideológica que se trava no País em que se não verifique essa triste colaboracionismo.

É precisamente o que uma vez mais se verificou em relação à greve geral.

Os factos falam por si, numa vergonhosa comédia. Primeiro acto: No dia 14 de Janeiro, Mário Soares, em Con-

ferência de Imprensa, lendo o documento da Comissão Permanente da Comissão Política do PS, declara que o PCP «procura provocar situações radicalizadas de ruptura que não servem as classes trabalhadoras» e que «por isso o PS não apoia a greve geral».

Segundo acto: No dia 5 de Fevereiro, verificando a irresistível torrente de opinião favorável à greve geral e a adesão à greve de milhares de socialistas, a mesma Comissão Permanente do PS vem permitir que cada socialista decidisse participar ou não na greve segundo a sua consciência. O próprio «Portugal Hoje», avorava o seguinte título: «PS dá liberdade de adesão à greve geral da CGTP-IN».

Terceiro acto: Logo nesse mesmo dia 5 de Fevereiro a «AD» pela boca de Nascimento Rodrigues, de M. Rebelo de Sousa e outros rasga violentamente contra tal posição do PS.

No dia 7, o Conselho Nacional do PSD dá oficialmente um puxão de orelhas ao secretário-geral do PS considerando tal posição como «um desvio democrático intolerável». No dia 8, o ministro da Administração Interna acusa o PS de «acossado» (pela esquerda, claro) ter cedido.

O PS «cedeu», na realidade não à esquerda, mas sim à pressão da direita.

Quarto acto: De facto, no dia 10, na RDP/1 e RTP/1 o secretário-geral do PS, integrado numa campanha da «AD» contra a greve geral e contra o PCP, desdiz as afirmações do dia 5 e acusa a greve geral de ter como objectivo «a desestabilização do regime».

E como recompensa:

Quinto acto ou epílogo: Logo no mesmo dia 10, a «AD», sem pudor, vem gabar-se de ter metido na ordem Mário Soares: «Mário Soares (diz o porta-voz do Governo, José Alfaia) teve finalmente a coragem e o bom senso de repudiar de forma frontal a greve do dia 12».

É a evidência das evidências, também no caso da greve geral, o colaboracionismo de Mário Soares com os partidos reaccionários da «AD». E certamente os socialistas sinceros sentiram-se corar de vergonha ao verem e ouvirem o seu secretário-geral na RTP e na RDP lado a lado e inteiramente identificado com os reaccionários, usando a mesma odiosa linguagem em tempos utilizada pela PIDE, na campanha contra o Partido que é o mais firme e consequente defensor das liberdades e da democracia: o Partido Comunista Português.

Por isso, ao mesmo tempo que desmascaramos a acção de Mário Soares, saudamos os socialistas que lutam de verdade contra a «AD» e designadamente, neste momento, todos aqueles (e são milhares) que participaram na greve geral do dia 12.

Significado político da greve geral

A greve geral do dia 12 de Fevereiro encerra um profundo significado político.

Em primeiro lugar, a greve geral constituiu uma poderosa afirmação do descontentamento, da indignação contra a «AD», das aspirações e dos objectivos democráticos dos trabalhadores e de outras amplas classes e camadas da população.

A «AD», o seu governo e os seus aliados, repelindo velhas acusações da PIDE antes do 25 de Abril, vieram negar a legitimidade das greves que não sejam por reivindicações de carácter económico e acucar a declaração da greve geral de apenas servir «designilhos ocultos do PCP».

A greve mostrou que os trabalhadores não são o «caudal de carneiros» de que falava o «Portugal Hoje», mas portugueses e portuguesas conscientes que sabem o que querem e que têm plena consciência de que os seus problemas, se não poderão resolver sem uma profunda alteração política e que essa alteração exige como primeiro passo que a «AD» seja corrida do Poder.

A greve geral constituiu, em segundo lugar, uma poderosa afirmação da CGTP-IN como grande e indiscutível central sindical dos trabalhadores portugueses que verdadeiramente defende e representa os seus interesses de classe.

A «AD», o seu governo e os seus aliados, utilizando os poderosos meios de comunicação social do Estado, desencadearam uma furiosa campanha de contestação de representatividade real da CGTP-IN. Afirmaram, reafirmaram, repetiram, proclamaram que a CGTP-IN era apenas «uma fracção» do movimento sindical. Apresentaram a UGT como central «democrática» dos trabalhadores portugueses e deram aos seus dirigentes, a propósito e a despropósito, tempos desproporcionados de rádio e televisão.

Mas, lançando ao desprezo os fantechos da UGT, filiando-se às centenas nos sindicatos aderentes da CGTP-IN, participando em massa na greve geral, os trabalhadores consagraram uma vez mais a CGTP-IN como a única verdadeira central sindical dos trabalhadores portugueses.

A greve geral constituiu, em terceiro lugar, uma poderosa afirmação de que a «AD» está cada vez mais isolada, de que a maioria esmagadora dos trabalhadores portugueses reclama a demissão imediata do governo «AD».

A «AD», o seu governo e os seus aliados insistiram em proclamar e repetir que a «AD» tem o apoio do povo e que, sendo a greve geral dirigida contra o governo, não seria seguida pelos trabalhadores.

A greve geral mostrou, com a adesão maciça dos trabalhadores do Norte a Sul do País, que o governo «AD» perdeu a sua base de apoio, perdeu, também por falta dessa base, a legitimidade para governar e que o número dos portugueses e portuguesas que se opõem à «AD» é cada vez mais elevado, a unidade das massas populares, a sua organização e combatividade cada vez mais sólidas, a determinação de lutar até à vitória cada vez mais geral e mais convicta.

A greve geral constituiu, em quarto lugar, uma poderosa afirmação da determinação dos trabalhadores exercerem as liberdades e direitos inerentes ao regime democrático consagrado na Constituição.

A «AD», o seu governo e os seus aliados começaram por procurar contestar aos trabalhadores o direito de fazerem uma greve contra o governo assim como uma greve geral. Proclamavam que uma greve contra o governo não era legítima, não era legal, tinha um carácter desestabilizador e mesmo insurreccional.

Mas a greve fez-se, afirmou-se greve geral de 24 horas e foi uma greve geral de 24 horas, afirmou-se como uma greve geral tendo como objectivo fundamental a demissão do governo «AD» e fez-se com esse objectivo.

Os trabalhadores provaram com a sua acção que, contra a vontade e as prepotências fascistas do governo «AD», ainda vivemos no Portugal de Abril.

A greve geral constituiu, em quinto lugar, uma derrota estrondosa da aliança do PS/Mário Soares com a reacção e dos dirigentes da central fantecho — a UGT.

A «AD», os seus partidos e o seu governo, a CJP, Mário Soares, os lacaios da UGT, todos julgaram que a sua intervenção conjunta e maciça, monopolizando os meios de comunicação social, mentindo, insultando e caluniando dias a fio e horas inteiras cada dia, conseguiriam enganar e desmobilizar os trabalhadores.

A greve geral mostrou que, para os trabalhadores essa vergonhosa aliança não fortalece aqueles que nela participam, antes os desautoriza completamente.

A greve geral constituiu finalmente uma poderosa afirmação da política consequente e sentido da responsabilidade do PCP, da sua influência, prestígio, autoridade e influência de massas.

A «AD», o seu governo e os seus aliados, coñcentrando historicamente no ataque ao PCP todos os meios de comunicação social, repetindo as mais grosseiras calúnias e infâmias contra o PCP, contando com o colaboracionismo anticomunista de Mário Soares e C., recusando o debate com a CGTP-IN e acusando a greve geral de ser a «greve do PCP», proclamando que no dia 12 se iria ver a quem está com a democracia e quem está com o PCP, a «AD» esperava, com o velho papão do Comunismo, intimidar e dividir os trabalhadores, afastar da greve os trabalhadores não comunistas, fazer fracassar a greve geral.

A greve geral mostrou que a propaganda anticomunista de cariz fascista, não consegue enganar ou intimidar as largas massas trabalhadoras e que estas apoiam de forma crescente a política do PCP, apoiam de forma crescente a actuação do PCP, confiam de forma crescente no que lhes diz o PCP.

A «AD» pode ainda utilizar contra os portugueses e contra Portugal a força que dá o seu governo. Mas a «AD» é a força do passado e será varrida dum vez para sempre da vida portuguesa. Quanto ao PCP, sempre com os trabalhadores, sempre com o povo, sempre com a pátria, sempre pronto à unidade com os outros democratas, é a força política à qual o futuro pertence.

A vontade política do povo

É esclarecedor que, nos últimos tempos, toda a vida política nacional e todo o debate político gira em torno das propostas do PCP para a saída da crise e da luta da classe operária a das massas populares, com as suas organizações de classe.

A própria «AD» já não sabe falar de outra coisa.

É uma realidade que os trabalhadores, e as massas populares passaram a ofensiva e que o governo «AD» embora querendo apresentar muita força, se remete à defensiva, nada mais sabendo fazer que mentir, caluniar e insultar com nervosismo, desespero, destempero e exaltação os trabalhadores, as suas organizações de classe o PCP e todos os que se opõem ao seu plano.

Com o colaboracionismo de Mário Soares, a «AD» queria convencer o povo português de que o governo da «AD» teria necessariamente de governar 4 anos, por muitas malfetorias que faça, por muito mal que faça ao povo português e ao país.

Mas o PCP desmascarou a política e os objectivos da «AD», mostrou que, com a violação sistemática da legalidade democrática, com o agravamento brutal das condições de vida dos trabalhadores e das massas populares, com a tentativa de destruição das liberdades e das outras grandes conquistas de Abril (nacionalizações, reforma agrícola), com o descalabro da economia nacional, com a apropriação dos meios de comunicação social, com submissão rasteira ao imperialismo norte-americano, e com o seu plano de golpe de Estado através da revisão inconstitucional da Constituição, o governo «AD» perdeu qualquer legitimidade para governar.

O PCP tomou com decisão a vanguarda da luta em defesa dos interesses do povo e do país, em defesa das conquistas de Abril e do regime democrático consagrado na Constituição, da luta pela demissão do governo antipopular, antidemocrático e antinacional.

E desta forma a luta pela demissão imediata do governo «AD» tornou-se uma reacção popular e nacional, com bem mostra a greve geral do dia 12 de Fevereiro.

Com o colaboracionismo do secretário-geral do PS, a «AD» pretendia discutir, acordar, resolver, aprovar, pôr em vigor a revisão inconstitucional da Constituição de que pode resultar a liquidação do regime democrático no segredo das Comissões da Assembleia da República e dos Gabinetes dos Estados-Maiores dos partidos.

Queriam que, de um dia para o outro, o povo português acordasse já com a Constituição destruída, já com uma alteração profunda da situação política, já com o Conselho da Revolução dissolvido, já com os reaccionários a poderem controlar e comandar as Forças Armadas, já com o golpe de Estado realizado sem que ninguém tivesse tomado consciência do perigo.

Mas o PCP não permitiu que as coisas assim se processassem. Trouxe a revisão da Constituição para a rua, para o povo, para as massas, porque tal mudança da situação política interessa acima de tudo ao povo português.

E desta forma a revisão da Constituição, que queriam fazer em segredo, tornou-se um problema compreendido e profundamente sentido pelos trabalhadores, pelas massas populares, pelos democratas em geral, formando-se um amplo movimento para defesa da Constituição, que o mesmo é dizer, para defesa da democracia.

O povo português toma consciência da natureza e dos fins da revisão da Constituição que a «AD» (de acordo com Mário Soares) está preparando e por isso luta firmemente, não contra a revisão da Constituição (como a propaganda reaccionária todos os dias insiste), mas contra esta revisão subversiva da Constituição, que liquidando o Conselho da Revolução e tirando do Presidente da República todos os poderes, passando para o governo a designação dos chefes militares, significaria um verdadeiro golpe de Estado contra o regime democrático.

Por isso o povo português se levanta e luta em defesa da democracia, em defesa da Constituição.

A propaganda reaccionária acusa o PCP de querer discutir na rua aquilo que, segundo a «AD», só à Assembleia da República, só aos senhores deputados, cabe discutir e resolver.

A isso respondemos: Nós não reconhecemos nem o regime democrático reconhece à Assembleia da República e aos deputados o exclusivismo de debater os grandes problemas nacionais.

Alto eleger os deputados, o povo português não abdica do direito de pensar com a sua cabeça, de ter a sua opinião, de se pronunciar sobre tais ou tais questões que são do seu interesse, de exercer todas as liberdades e direitos que são parte integrante do regime democrático.

E por isso o povo português não fica de braços cruzados à espera que um dia o governo «AD» caia de podre e que um dia a Constituição seja destruída e com ela o regime democrático.

Por isso a luta continua.

Por isso as medidas propostas pelo PCP, — demissão do governo «AD», — dissolução da Assembleia da República — formação de um governo de gestão — e realização de eleições antecipadas encontram cada vez mais larga e convicta aceitação e mais largo e convicto apoio.

A greve geral do dia 12 mostrou claramente a vontade política do povo. E não são as mentiras grosseiras da RTP, da RDP e de outros órgãos de comunicação social fascizante que conseguem alterar esta realidade.

A greve do dia 12 foi um grande passo, na unidade, na organização e na luta da classe operária e do povo português.

A luta continua

Com a berraria anticomunista que ocupa 24 horas do dia a rádio, a televisão, os jornais, as notas do governo e dos partidos, a «AD» e seus aliados pretendem isolar o PCP.

O facto de que o combate ao PCP é actualmente o quase único objectivo e o fogo da acção de todas essas forças, o que mostra no fim de contas?

Mostra que o PCP é a única verdadeira grande força de oposição à «AD» e à sua política. O único verdadeiro defensor dos interesses dos trabalhadores e do povo em geral. O único verdadeiro defensor das liberdades e das outras conquistas democráticas alcançadas com a revolução de Abril. O único que defende a Constituição, a legalidade democrática, a democracia portuguesa. O único que está com os que trabalham contra os que exploram, com os que são oprimidos contra os opressores, com a pátria portuguesa contra o domínio e o mando estrangeiro.

A propaganda anticomunista da «AD» e seus aliados atingiu um tal nível de histeria, e de indignidade que acaba por voltar-se contra os seus autores.

No povo, nas massas, na opinião pública, a «AD» e seus aliados continuam a descer de cotação e o PCP continua a subir. A ferocidade e a baixeza da campanha engana e atemoriza alguns. Mas também esclarece muitos.

Por isso o coro anticomunista que se desenvolve no estilo da ex-PIDE não consegue isolar o PCP.

O PCP está cada vez mais estreita e inseparavelmente ligado à classe operária, às massas populares, ao povo inteiro, na defesa dos seus interesses vitais.

O PCP é cada vez mais a força motora da resistência contra a reacção, da unidade dos trabalhadores, do povo, dos democratas, na defesa do Portugal de Abril.

O PCP é cada vez mais uma força indispensável e insubstituível para qualquer alternativa democrática.

Quanto mais os reaccionários e seus aliados concentram o seu fogo de infâmias contra o PCP, mais o povo português se vai convencendo de que o PCP tem de ser necessariamente uma força-base de qualquer aliança de forças democráticas, para salvar o regime democrático, para formar um governo democrático, para que Portugal prossiga o caminho de Abril.

A greve geral do dia 12 foi uma grandiosa acção, que demonstra por um lado as fraquezas, incapacidades e natureza da «AD» e do seu governo e, por outro lado, a força, a unidade, o progresso do movimento operário e da vastíssima e maioritária frente social e política de luta contra a reacção e em defesa do bem-estar, das liberdades e dos direitos dos cidadãos e do regime democrático ameaçado.

Apesar de todo o alarido da propaganda da «AD», a «AD» saiu da greve geral do dia 12 mais desacreditada e mais fraca e o movimento operário e popular, as suas organizações de classe, o nosso Partido, a democracia portuguesa, reforçados e conflantes.

A luta continua. A «AD» irá para a rua. Portugal de Abril vencerá.

Viva a unidade dos trabalhadores e dos democratas! Viva o Partido Comunista Português!